

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

TIAGO SANTOS PAGNOCCA

USO DE PLANTAS TERAPÊUTICAS EM RELIGIÕES AFRO-  
BRASILEIRAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

Florianópolis  
2017



TIAGO SANTOS PAGNOCCA

USO DE PLANTAS TERAPÊUTICAS EM RELIGIÕES AFRO-  
BRASILEIRAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Biologia de Fungos, Algas e Plantas.

Orientadora: Prof. Dra. Natalia Hanazaki

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pagnocca, Tiago Santos

Uso de plantas terapêuticas em religiões afro  
brasileiras na Ilha de Santa Catarina / Tiago  
Santos Pagnocca ; orientadora, Natalia Hanazaki -  
SC, 2017.

97 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas,  
Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos,  
Algas e Plantas, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Biologia de Fungos, Algas e Plantas. 2.  
Etnobotânica. 3. Religiões afro-brasileiras. 4.  
Plantas terapêuticas. 5. Ilha de Santa Catarina. I.  
Hanazaki, Natalia. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Biologia  
de Fungos, Algas e Plantas. III. Título.

TIAGO SANTOS PAGNOCCA

USO DE PLANTAS TERAPÊUTICAS EM RELIGIÕES AFRO-  
BRASILEIRAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

Dissertação julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelos membros titulares da Banca Examinadora e pelo Programa de Pós Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Natalia Hanazaki (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mara Zélia de Almeida (vídeo conferência/ UFBA)

---

Prof. Dr. Nivaldo Peroni (UFSC)

---

Prof. Dr. Pedro Fiaschi (UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sofia Zank (UFSC/suplente)



Aos meus pais, meus filhos, e a todo o povo de  
santo da Ilha de Santa Catarina.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo exemplo de caráter, honestidade, e apoio sempre.

Aos meus filhos Cauã e Lucca, pelo amor incondicional.

Aos colegas do laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, pelas experiências compartilhadas, pelo apoio nos momentos de necessidade e pela amizade de todos.

Aos colegas do Programa de Pós graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas. Ao amigo Tadeu pela parceria nas visitas aos terreiros e auxílio nas entrevistas.

À todos os Babalorixás e Yalorixás que doaram o seu tempo e conhecimento para a realização desse estudo, meu profundo agradecimento.

À Professora Natalia Hanazaki, pela sábia orientação e pelo tempo dedicado auxiliando na concretização desse trabalho.

Aos professores, funcionários e colaboradores do PPGFAP.

À CAPES pela bolsa de estudos.



*"Que Oxalá traga a luz  
Naná a sabedoria  
Xangô a justiça  
Iemanjá o afeto  
Ogum a vitória  
Oxum o amor  
Iansã a força  
Oxóssi a fartura  
Ibeji a alegria  
E Exu os caminhos abertos"*

*Luzes de Oxalá*



## APRESENTAÇÃO

No ano de 2007 tive a oportunidade de conhecer e fazer parte de um grupo de pesquisas com plantas medicinais, chamado Farmácia da Terra, um programa de extensão permanente da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia. A partir de então, comecei a compreender um pouco mais sobre etnobotânica e as possibilidades que existiam para serem exploradas dentro dessa área. Sou natural de Salvador na Bahia, onde cresci e tive contato com a cultura afro-brasileira em suas diversas manifestações, sendo que uma delas sempre me despertou maior interesse, o Candomblé. No Farmácia da Terra existia um projeto em andamento que abordava o uso das plantas medicinais nos terreiros de candomblé, e logo me identifiquei com a proposta do trabalho e passei a participar ativamente desse projeto. Foram experiências muito valiosas, tanto do ponto de vista acadêmico e científico, como pessoal. A cultura afro-brasileira é de uma riqueza inestimável, que encanta aqueles que conseguem observá-la além das diferenças e enxergar o verdadeiro sentido que as fundamenta. Anos depois, em 2015, ao ingressar no programa de pós-graduação de Biologia de Fungos, Algas e Plantas da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, tive o privilégio de retomar o contato com a etnobotânica, através do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica e da professora Dra. Natalia Hanazaki. Surgiu então a idéia de realizar um estudo a respeito do uso das plantas de forma terapêutica nas religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina, e observar as diferenças e semelhanças regionais em relação ao que eu já conhecia, a relação existente com as plantas nos seus diferentes contextos de uso, além de satisfazer o meu interesse pessoal de conhecer um pouco mais sobre esse universo.



## RESUMO

A etnobotânica investiga inter-relações diretas entre pessoas e plantas, incluindo todas as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais. No Brasil a utilização das plantas com fins medicinais é uma prática bastante difundida popularmente, decorrente da forte presença e legados das culturas africana, indígena e européia. As pesquisas relacionadas à medicina popular em quase todos os segmentos da sociedade denotam uma constante ligação com credos religiosos, e é nas religiões de origem e influência africana que ocorre uma expressiva incidência do uso de plantas com propriedades terapêuticas, seja desempenhando um papel simbólico ou medicinal. O conhecimento sobre a utilização litúrgica e medicinal das plantas se encontra disseminado nas mais diferentes regiões do país onde se estabeleceram as religiões de matriz africana, como o Candomblé, a Umbanda e o Ritual de Almas e Angola. Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo investigar o conhecimento sobre o uso de plantas com fins terapêuticos em religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina (SC), contribuindo para o resgate e valorização das práticas terapêuticas tradicionais. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 27 sacerdotes, Babalorixás e Yalorixás, dentre eles 3 praticantes do Candomblé, 11 da Umbanda e 13 do Ritual de Almas e Angola, a respeito do uso de plantas terapêuticas num contexto litúrgico e medicinal. Foram identificadas taxonomicamente 86 espécies, pertencentes a 37 famílias botânicas. As famílias Lamiaceae e Asteraceae foram as mais representativas. Um conjunto de 16 plantas foi citado por todos os entrevistados, sendo que todas são utilizadas no contexto litúrgico e sete delas também são usadas medicinalmente. Em relação aos usos terapêuticos, foram identificadas 15 categorias de uso, sendo as principais: uso ritualístico (50 espécies), doenças do aparelho digestivo (22 espécies), tudo (20 espécies), doenças infecciosas e parasitárias (16 espécies), e doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (15 espécies). As plantas representam elementos de grande importância na manutenção dessas práticas religiosas, que além do papel sacral, desempenham importante função como ferramenta de resistência cultural e identidade étnica dos afro descendentes.

**Palavras-chave:** Etnobotânica. Religiões afro-brasileiras. Plantas terapêuticas. Ilha de Santa Catarina



## ABSTRACT

Ethnobotany investigates direct interrelationships between people and plants, including all forms of perception and appropriation of plant resources. In Brazil, the use of medicinal plants is a popular practice, due to the strong presence and legacies of African, Amerindian and European cultures. Research related to popular medicine in almost all segments of society denotes a constant connection with religious creeds, and it is in religions of African origin and influence that there is an expressive incidence of the use of plants with therapeutic properties, whether playing a symbolic or medicinal role. Knowledge about the liturgical and medicinal use of plants is disseminated in the most different regions of the country where African-born religions have been established, such as Candomble, Umbanda and Ritual de Almas and Angola. Thus, the present work aims to investigate the knowledge about the use of plants for therapeutic purposes in Afro-Brazilian religions in the Island of Santa Catarina (SC), contributing to the recovery and valuation of traditional therapeutic practices. Semi-structured interviews were conducted with 27 priests, Babalorixas and Yalorixas, among them 3 Candomble practitioners, 11 from Umbanda and 13 from the Ritual de Almas and Angola, regarding the use of therapeutic plants in a liturgical and medical context. A total of 86 species belonging to 37 botanical families were taxonomically identified. The families Lamiaceae and Asteraceae were the most representative. A set of 16 plants was cited by all interviewees, all of which are used in the liturgical context, and seven of them are also used medicinally. In relation to therapeutic uses, 15 categories of use were identified, the main ones being: ritualistic use (50 species), diseases of the digestive tract (22 species), all (20 species), infectious and parasitic diseases (16 species), endocrine, nutritional and metabolic (15 species). The plants represent elements of great importance in the maintenance of these religious practices, which, in addition to the sacral role, play an important role as a tool of cultural resistance and ethnic identity among Afro descendants.

**Key-words:** Ethnobotany. Afro-Brazilian religions. Therapeutic plants. Santa Catarina Island



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	21
1.1. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL.....	23
<b>1.1.1. A chegada dos africanos no Brasil</b> .....	23
<b>1.1.2. As primeiras manifestações religiosas dos africanos</b> .....	24
1.2. AS RELIGIÕES DE ORIGEM E INFLUÊNCIA AFRICANA .....	26
<b>1.2.1. O Candomblé</b> .....	26
<b>1.2.2. A Umbanda</b> .....	28
<b>1.2.3. O Ritual de Almas e Angola</b> .....	29
1.3. HISTÓRICO DA ILHA DE SANTA CATARINA .....	31
<b>1.3.1. O ingresso da população negra no litoral catarinense e as primeiras práticas religiosas</b> .....	32
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	33
2.1. OBJETIVO GERAL .....	34
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	34
<b>3. MÉTODOS</b> .....	34
3.1. ÁREA DE ESTUDO.....	34
<b>3.1.1. Caracterização biofísica da área de estudo</b> .....	35
3.2. COLETA DE DADOS .....	37
3.3. ANÁLISE DOS DADOS .....	39
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	40
4.1. ENTREVISTADOS .....	40
4.2. CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS TERAPÊUTICAS....	40
4.3. ESPÉCIES COMPARTILHADAS POR TODOS OS TERREIROS .....	45
4.4. FORMAS DE OBTENÇÃO, PARTES UTILIZADAS, ORIGEM E APRENDIZADO .....	56
4.5. O USO DE PLANTAS NAS DIFERENTES PRÁTICAS RELIGIOSAS .....	59
<b>5. CONCLUSÕES</b> .....	62
5.1. DEVOLUTIVAS .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64
<b>APÊNDICE A</b> .....	89
<b>APÊNDICE B</b> .....	92
<b>ANEXO 01</b> .....	94
<b>ANEXO 02</b> .....	99
<b>ANEXO 03</b> .....	100
<b>ANEXO 04</b> .....	102
<b>ANEXO 05</b> .....	106



## 1. INTRODUÇÃO

O uso dos recursos naturais pela humanidade é uma prática milenar que perdura até os dias atuais, na qual o ser humano é um importante agente modificador da paisagem, modelando a vegetação e selecionando os recursos por meio de seu uso simbólico ou empírico (DI STASI et al., 1996; ALBUQUERQUE, 2005). A interação existente na relação entre seres humanos e plantas é bastante evidente, uma vez que os recursos vegetais oferecem as mais diversas formas de uso e beneficiamento, como é o caso da alimentação, construção de moradias e ferramentas, confecção de vestimentas e fins medicinais (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Uma das áreas do conhecimento que tem contribuído para o estudo dessas relações é a etnobiologia. De acordo com Serra et al. (2002) e Albuquerque (2014), a etnobiologia busca compreender as relações das pessoas e dos grupos humanos com o ambiente, levando-se em consideração aspectos culturais, nos quais incluem-se as noções desenvolvidas por cada sociedade a respeito dos fenômenos da vida.

Dentro da etnobiologia, um dos campos que mais tem concentrado trabalhos é o da etnobotânica (BEGOSSI, 1993), que juntamente com a etnofarmacologia têm demonstrado ser poderosas ferramentas na busca por substâncias naturais de ação terapêutica (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). A etnobotânica investiga inter-relações diretas entre pessoas e plantas, incluindo todas as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo Amorozo (1996), a etnobotânica é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas.

A importância das pesquisas etnobotânicas no Brasil está relacionada à sua diversidade cultural e biológica. O país apresenta centenas de povos indígenas, comunidades quilombolas, pescadores artesanais, agricultores familiares, ribeirinhos, dentre outros, e detém cerca de 22% de todas as espécies de plantas descritas no mundo (DIEGUES; ARRUDA, 2001; ALBUQUERQUE et al., 2010).

A origem do conhecimento sobre as virtudes das plantas confunde-se com a própria história da humanidade, pois o ser humano sempre dependeu fundamentalmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das plantas medicinais para curar-se (ALMEIDA, 2011; ZUCCHI et al., 2013). No Brasil a utilização de vegetais com fins medicinais é uma prática bastante difundida popularmente, influenciada pela forte presença e legados de culturas africanas e indígenas, com seus extensos receituários e um amplo saber sobre o preparo e valor terapêutico de muitas plantas (SERRA et al., 2002).

As pesquisas com plantas medicinais podem não só contribuir para o melhor uso destes recursos pela população, mas também trazer à luz o conhecimento de novas e efetivas drogas no combate a diversos males (AMOROZO; GELY, 1998). O estudo científico sobre plantas medicinais constitui um dos programas prioritários da OMS (Organização Mundial da Saúde), desde seu programa *Saúde para Todos no Ano 2000* (BRUNING et al., 2012). Segundo estimativa da OMS, 80% da população mundial faz uso de recursos vegetais para suprir suas necessidades de assistência médica primária e muitas vezes esses recursos podem ser a única opção terapêutica de uso (ALMEIDA, 2011; OLIVEIRA et al., 2011). É importante destacar que, para além do uso direto como recurso terapêutico, que pode ter princípios ativos de importância etnofarmacológica, o uso de plantas também está vinculado a práticas de cura e à compreensão abrangente de saúde e bem estar (ZANK et al., 2015).

Segundo Camargo (1998) as pesquisas relacionadas à medicina popular em quase todos os segmentos da sociedade denotam uma constante ligação com credos religiosos, e são nas religiões de origem e influência africana que ocorrem uma expressiva incidência do uso de plantas com propriedades medicinais, seja desempenhando um papel simbólico ou terapêutico. Algumas utilizações das plantas são essencialmente simbólicas e representam um aspecto marcante da tradição africana no Brasil, sendo diversas espécies consideradas sagradas e portadoras de poderes espirituais (CAMARGO, 2014; ALBUQUERQUE, 2001; ALBUQUERQUE et al., 2005; BARROS, 2014).

Diferentes estudos etnobotânicos a respeito das relações existentes entre os afrodescendentes e as plantas já foram realizados e, ainda continuam a despertar o interesse de pesquisadores sobre questões a respeito da contribuição cultural deixada pelos negros em relação às práticas medicinais e ritualísticas (VOEKS, 1993, 1997; CAMARGO, 1998; 2014; ALBUQUERQUE, 2001, 2014; RUYSSCHAERT et al., 2009; ALMEIDA, 2011; SANTANA et al., 2016), ao intercâmbio de espécies vegetais que ocorreram entre continentes americano e africano no processo de fluxo e refluxo de escravos e libertos, como essas espécies passaram a compor a paisagem e a cultura local (CARNEY; VOEKS, 2003; ANDEL et al., 2014; CAMARGO, 2014), e em relação à influência marcante da etnobotânica na identidade das religiões afro-brasileiras (SERRA et al., 2002; ALBUQUERQUE, 2014; PAZ et al., 2015).

O conhecimento sobre a utilização litúrgica e medicinal das plantas se encontra disseminado nas mais diferentes regiões do país onde se estabeleceram as religiões de matriz africana, como o Candomblé, a Umbanda e o Ritual de Almas e Angola (BARROS, 2014).

## 1.1. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

### 1.1.1. A chegada dos africanos no Brasil e a sua relação com as plantas

Os negros africanos estão presentes na população brasileira desde o século XVI, nos primórdios da colonização do Brasil, quando durante todo o período colonial e imperial até 1888, substituíram a mão-de-obra escrava dos povos indígenas, podendo ter entrado em território brasileiro de 10 a 18 milhões de africanos (RODRIGUES, 1935; RAMOS, 1979). Os primeiros africanos que chegaram ao Brasil na condição de escravos para trabalhar e servir aos colonos portugueses foram da etnia banto, oriundos de Angola, Congo e Moçambique, cuja chegada se iniciou em fins do século XVI, perdurando até o século XIX (VERGER, 2002; CAMARGO, 2014). São os angolas, caçanjes e benguelas, entre outros, que se espalharam por quase todo o litoral e pelo interior, principalmente Minas Gerais e Goiás. Em meados do século XVII, começaram a chegar os primeiros grupos de sudaneses, oriundos da África ocidental, de territórios atualmente chamados de Nigéria, Benin (ex-Daomé) e Togo (SILVA, 1994; RIBEIRO, 1995). São representados principalmente pelos grupos iorubas ou nagôs (subdivididos em Kêto, Ijexá, Egbá, dentre outros), pelos jejes (ewe ou fon), e pelos fanti-ashanti ou mircas, além de representantes de grupos menores provenientes da Serra Leoa, Gâmbia, Costa do Marfim e Costa Malagueta. Um outro grupo também formado por sudaneses forneceu ao Brasil culturas islamizadas, como os mandinga, peul, haussá, fula e tapa, que se concentraram mais na região açucareira da Bahia e Pernambuco (RAMOS, 1979; PEREIRA, 1983; CAMARGO, 2014) (Fig. 01).

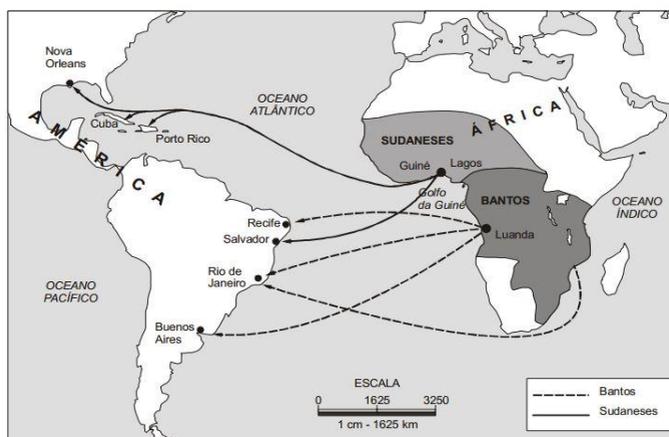


Fig. 01- Principal rota do tráfico de escravos para as Américas e seus respectivos locais de procedência. Fonte: Albuquerque et al. (1991).

O contato dos africanos com as terras brasileiras e seus diferentes saberes, crenças e práticas curativas com as plantas, influenciou de forma determinante na formação cultural, tanto daqueles que já estavam presentes como índios e europeus, como dos africanos que estavam chegando, em um processo marcado por trocas culturais recíprocas (CAMARGO, 2014).

Em seus locais de origem em território africano, já existia uma relação de uso com várias espécies vegetais, que eram utilizadas na alimentação, medicina e rituais sagrados. As dificuldades de adaptação em solo brasileiro, marcadas por episódios de opressão e violência, refletiram diretamente na manutenção dessas práticas, nas quais as plantas representavam elementos essenciais (CAMARGO, 2014). Entretanto, aos poucos os escravos foram encontrando soluções para suas dificuldades, e através das relações de proximidade com índios e colonizadores, passaram a conhecer a flora local e estabeleceram o intercâmbio de espécies vegetais e o uso de sucedâneas para aquelas que não existiam no novo território (ALBUQUERQUE et al., 2005). Esses fatores foram essenciais para dar sustentação às suas práticas rituais e religiosas, e resgatar valores étnicos e culturais do seu povo. Através dessa nova realidade, marcada pelo aprendizado e conhecimento sobre as plantas locais, os negros passaram a enxergar novas possibilidades naquele ambiente e encontraram maneiras para realizar os seus rituais de cura, proteção e culto aos seus deuses (BARROS, 2014; CAMARGO, 2014).

### **1.1.2. As primeiras manifestações religiosas dos africanos**

Quando na diáspora<sup>1</sup>, milhares de africanos vieram habitar o novo continente na condição de escravos, trouxeram consigo fragmentos culturais ligados às crenças e tradições religiosas de seus povos que se misturaram no interior das senzalas (OLIVEIRA, 1975; BATISDE, 1978). Ao longo do processo de adaptação no novo território os escravos se familiarizaram com as plantas locais, conhecendo suas propriedades mágicas e medicinais e remodelando seu sistema médico-litúrgico (LIMA, 2003).

As primeiras manifestações ritualísticas e religiosas praticadas pelos escravos no início do século XVII foram chamadas pelos portugueses de feitiçaria. Os "escravos feiticeiros" eram conhecidos por utilizar ervas em rituais de magia, benzeduras e como remédios. Com a instituição do Santo Ofício em Portugal em 1536, no reinado de D. João III, essas práticas passaram a ser proibidas, sob acusação da Igreja católica de pacto com o demônio, e eram sujeitas a severas punições (CAMARGO, 2014).

Essas práticas se deram durante muitos anos na clandestinidade e, gradativamente, uma estrutura primitiva de manifestações mais organizadas começou a se formar. Um termo, de origem angola, frequentemente utilizado nos autos da Inquisição dos séculos XVII e XVIII para designar

essas práticas era calundu (PARÉS, 2007). Outros nomes que eram dados às práticas ritualísticas dos negros eram batuque e batuquejê. Eram descritas como danças coletivas, cantos e músicas acompanhados de instrumentos de percussão, invocação de espíritos, sessões de possessão, adivinhação e rituais de magia (SILVA, 2007).

Outra prática muito antiga dos escravos era a Cabula, que sincretizava santos católicos com deuses africanos, na qual os negros mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo para conseguirem praticar e perpetuar sua fé (MARTINS, 2006). Em 1738, o prior dos beneditinos da Bahia comentava que os escravos se reuniam em sociedades para fazer seus calundus e bailes às escondidas nas casas e roças, com altares de ídolos, sacrifício de animais e oferendas alimentícias (PARÉS, 2007). Essas "sociedades" pareciam ir além de simples práticas de curandeirismo ou adivinhação, e são consideradas os antecedentes dos candomblés do século XIX (LIMA, 2003; PARÉS, 2007).

Com o objetivo de união e fortalecimento os negros africanos passaram a formar as famílias de santo, compostas por escravos de mesma nação de procedência, e que deram início à estruturação dos primeiros terreiros, nos quais africanos e descendentes se reuniam e estabeleciam vínculos, baseados em laços de parentesco religioso (SILVA, 2007). As famílias de santo são o resultado do processo de reconstrução religiosa a partir da pluralidade de fragmentos culturais (PARÉS, 2007). A iniciação no "santo" marcava o começo de uma nova vida, selada pelo compromisso espiritual com o seus deuses Orixás e seu Pai ou Mãe-de-santo, unidos por vínculos sagrados (CAMARGO, 2014).

A palavra Orixá em ioruba significa "dono da cabeça" ou "aquele que rege a coroa", "ori" = cabeça, "xá" = dono, pois acredita-se que os Orixás, através da irradiação das energias que representam, tenham o poder de exercer influência direta nas pessoas, guiando seus caminhos, regendo a sua coroa<sup>II</sup>. Os Orixás representam essencialmente as forças da natureza e as irradiações dessas energias (VERGER, 2002; COSSARD, 2008; SARACENI, 2015).

---

<sup>I</sup> A diáspora foi um fenômeno sociocultural e histórico ocorrido nos países africanos, caracterizado pela imigração forçada da população africana a países que adotavam a mão de obra escrava.

<sup>II</sup> A palavra "coroa" faz referência ao chakra coronário, um centro de energia que governa as qualidades psicológicas e mediúnicas, que está situado no topo da cabeça.

Centenas de Orixás eram cultuados em terras africanas antes da diáspora, porém após o processo de miscigenação cultural que ocorreu entre os próprios africanos, poucos passaram a ser cultuados nas terras brasileiras, prevalecendo: Exu, Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Oxumaré, Ossaim, Xangô, Oxum, Logunedé, Iansã, Oba, Nanã, Iemanjá, Oxalá e Erê, cada um representando um elemento da natureza (PRANDI, 2005; LIMA, 2003).

Para garantir a liberdade de cultuar seus deuses sem serem perseguidos, os escravos sincretizaram os Orixás africanos com os santos católicos, alegando se tratarem das mesmas entidades, apenas com roupagens diferenciadas e, dessa forma, os colonizadores portugueses passaram a tolerar seus rituais, que gradativamente ganharam espaço e se solidificaram nas terras brasileiras (COSSARD, 2008). Começava então a se formar o Candomblé, uma religião dos negros escravos, de origem ancestral e que se estruturou no Brasil (OLIVEIRA, 1975).

## 1.2. AS RELIGIÕES DE ORIGEM E INFLUÊNCIA AFRICANA

### 1.2.1. O Candomblé

As experiências compartilhadas e as trocas simbólicas que ocorreram entre os africanos da diáspora no século XVI foram essenciais para a formação do Candomblé (BATISDE, 1978). Diante da necessidade de auxílio espiritual para suportar a vida e curar as doenças, além da necessidade de manutenção da sua fé e cultura, os africanos unificaram suas crenças e deuses, formando então o Candomblé, uma mistura da África mística no Brasil (VOEKS, 1993; LIMA, 2003, VERGER, 2002).

O Candomblé surgiu como fruto do amadurecimento dos calundus, passando a reunir grupos de negros de uma forma mais organizada, e que gradativamente começou a se solidificar e estruturar como uma religião. Em princípio os rituais eram restritos a espaços domésticos e aconteciam periodicamente, mas com a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República, passaram a se estabelecer como congregações organizadas, em espaços extra-domésticos, e deram início a uma comunidade religiosa afro-brasileira que posteriormente consolidou-se como a religião do Candomblé (PARÉS, 2007; CAMARGO, 2014). Em relação à origem do Candomblé, Parés (2007, p.126) diz:

*"... em 1807, nas terras da fazenda Boa Vista, pertencentes ao engenho de Herminigildo Netto, no distrito Madre de Deus (perto de Santo Amaro), existiu uma congregação ritual aparentemente mais estável, liderada por Antônio, um jovem escravo angola. Antônio foi preso e identificado nos documentos como "presidente do terreiro dos candombleis."*

Trata-se do primeiro registro da palavra Candomblé, um termo provavelmente de origem banto. O título de "presidente" sugere uma incipiente organização hierárquica de uma coletividade religiosa (PARÉS, 2007). É difícil afirmar quando de fato surgiu o primeiro terreiro de Candomblé na Bahia, mas existe um consenso de que o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, também conhecido como Casa Branca do Engenho Velho, fundado na cidade de Salvador na década de 1830, tenha sido o pioneiro, e que mantém suas atividades até os dias atuais (VERGER, 2002) (Anexo 1).

Um fato interessante é que, apesar de os Candomblés contarem entre seus participantes com um número significativo de escravos, e terem servido muitas vezes de refúgio para escravos fugitivos, a instituição não foi desenvolvida exclusivamente por esse segmento social. De fato, a formação das congregações religiosas foi um fenômeno liderado essencialmente por libertos, que possuíam maior mobilidade e disponibilidade de recursos e, dessa forma, desempenharam papel crítico no desenvolvimento e na manutenção do Candomblé (RAMOS, 1979; PRANDI, 2000).

Um dos principais elementos simbólicos dentro do Candomblé é o culto aos Orixás. No Candomblé acredita-se que cada pessoa tem um par de Orixás pessoal, o Pai e a Mãe-de-cabeça, que cuidam do equilíbrio energético, físico e emocional dos seus "filhos". Dessa maneira, cada filho-de-santo obedece a uma hierarquia espiritual, na qual existem oferendas específicas para cada Orixá e plantas selecionadas que são utilizadas nos rituais de iniciação, nos banhos e outras "obrigações" <sup>III</sup> (VOGEL et al., 1993; VERGER, 2002; COSSARD, 2008).

No Candomblé, o Orixá conhecido como a divindade das folhas é Ossaim, o dono das florestas e detentor de toda a sabedoria e conhecimento do reino vegetal (VERGER, 1997). Segundo as lendas africanas, Ossaim é irmão de Oxossi e vive nas matas, onde aprendeu todos os segredos da magia das ervas (FARELLI, 2010).

As plantas são um elemento fundamental no Candomblé. O uso das plantas constitui uma peculiaridade da vida social e religiosa das pessoas que se congregam nessas comunidades (ALBUQUERQUE et al., 2005). O papel de cada planta está diretamente relacionado ao ritual realizado e, segundo Batisde (1978) as plantas utilizadas no contexto litúrgico serão sempre diferentes daquelas que se destinam ao uso medicinal. O conhecimento é repassado de forma cautelosa, mantendo-se em segredo algumas receitas e as palavras que despertam seus poderes (VERGER, 1982).

---

<sup>III</sup> As obrigações são um conjunto de procedimentos cerimoniais realizados em determinados períodos específicos, em que o iniciado cumpre e oferece ao seu Orixá (COSSARD, 2008).

No Candomblé a transmissão do conhecimento é feita de forma empírica, produto da vivência cotidiana no terreiro, sendo o processo de aprendizagem das fórmulas rituais, das rezas e dos cânticos, realizado de maneira assistemática, transmitido de forma oral e hierárquica (BARROS, 2014). Segundo Verger (1982) no Candomblé acredita-se que a fala é veículo de axé<sup>IV</sup>, enquanto a palavra escrita é considerada despida desta força, por isso os ensinamentos são feitos todos oralmente.

### 1.2.2. A Umbanda

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, estruturada sob a influência das culturas ibérica, indígena e africana. Foi criada e fundamentada por Zélio Fernandino de Moraes (Anexo 1), em 1908, no Rio de Janeiro (CUMINO, 2015). Trata-se de uma religião na qual atendimentos espirituais são realizados àqueles que necessitam, baseado na prática do amor ao próximo e da caridade. As entidades que se apresentam nos terreiros são muitas vezes espíritos que antes haviam encarnado em solo brasileiro como indígenas, escravos, crianças e outros (SARACENI, 2005).

Segundo Saraceni (2005) a Umbanda surgiu timidamente como a linha das Umbandas que se apresentavam nos barracões de Candomblé, desde meados do século XIX, e que no início do século XX já era tão poderosa que havia se espalhado por muitas regiões do Brasil. Alguns acreditam que a Umbanda tenha se originado a partir da Cabula, que já era amplamente presente como atividade religiosa afro-brasileira principalmente no Rio de Janeiro (CAMARGO, 2014). A presença de elementos litúrgicos da Cabula na Umbanda é evidente, como o uso da pomba<sup>V</sup>, das velas e a presença dos cambones<sup>VI</sup> (CUMINO, 2015).

Mesmo antes da organização e estruturação definida, muitos elementos formadores da Umbanda já estavam presentes no universo religioso popular no final do século XIX, principalmente nas práticas banto (SILVA, 1994). Dos africanos a Umbanda fixou o culto ao Orixás, a cerimônia ritualística e também a magia cerimonial. Os indígenas inspiraram o culto aos antepassados e a personificação das forças da natureza, e a raiz ibérica forneceu o dogmatismo da religião católica junta-

---

<sup>IV</sup> Axé pode ser definido como força sagrada ou energia vital (VERGER, 2002).

<sup>V</sup> A pomba foi trazida pelos negros bantos, que já utilizavam-na nos seus rituais. É um giz feito de calcário, utilizado na feitura de santo e nos pontos riscados dos guias espirituais, representando elemento de grande importância nas religiões afro-brasileiras (LOPES, 2008).

<sup>VI</sup> A palavra cambone é utilizada para designar aqueles trabalham como ajudantes dos médiuns e das entidades (SARACENI, 2015).

mente com seus símbolos e crenças (OLIVEIRA, 1975). O kardecismo, criado na França por Allan Kardec, chegou ao Brasil em meados do século passado e, juntamente com os outros elementos citados, influenciou fortemente a formação da Umbanda no Brasil (TRINDADE, 1986; SILVA, 1994; CUMINO, 2015).

O panteão dos Orixás consagrados na Umbanda, embora possua uma posição hierárquica semelhante à do Candomblé, sofre variações de terreiro para terreiro. Na Umbanda prevaleceram os Orixás: Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Iansã, Iemanjá e Oxum (SARACENI, 2005).

Um dos fundamentos básicos da Umbanda é o uso das plantas nos seus rituais, por serem portadoras do axé, elemento primordial para a realização dos trabalhos (SARACENI, 2015). Acredita-se que as plantas são capazes de influenciar no plano espiritual e nas camadas energéticas que compõem a aura dos seres vivos, através de uma troca de fluidos energéticos. Elas são capazes de neutralizar certas energias e potencializar outras, equilibrando o ambiente (GIMENES, 2016). Na Umbanda são praticados diferentes rituais nos quais as plantas desempenham papéis de extrema importância, como no amaci<sup>VII</sup>, nos batizados, na composição dos defumadores, nos banhos de descarrego, nas oferendas e ainda como amuletos de proteção (MENDONÇA, 2012; SARACENI, 2015). Os filhos-de-santo obedecem a uma hierarquia na qual cada conjunto de plantas está relacionada a um Orixá específico, e que determina quais plantas podem ser utilizadas por cada um a depender do Orixá regente da sua cabeça (MENDONÇA, 2012; CUMINO, 2015).

Particularidades ritualísticas podem ser observadas em alguns terreiros a depender das suas origens culturais, porém uma característica marcante da Umbanda, e talvez a que mais a diferencie do Candomblé, é a ausência de animais em rituais de oferenda e obrigações. O sangue animal foi substituído pelo plasma vegetal, que tornou-se responsável por oferecer o axé necessário para "firmar"<sup>VIII</sup> os trabalhos.

### 1.2.3. O Ritual de Almas e Angola

Na década de 1940, trinta anos após o surgimento da Umbanda, já existiam no Brasil inúmeras ramificações, que mesclavam práticas de diferentes rituais, descaracterizando a proposta da religião que foi introduzida inicialmente por Zélio Fernandino de Moraes. Existiam no Rio

---

<sup>VII</sup> O amaci é um ritual de lavagem da cabeça dos médiuns, realizado com as plantas específicas correspondentes a cada Orixá, e tem como objetivo conectar o médium e fortalecer os laços com os guias espirituais (MENDONÇA, 2012).

<sup>VIII</sup> Firmar significa fortalecer, energizar (COSSARD, 2008).

de Janeiro diversas práticas umbandistas com os mais variados nomes, como Umbanda de Mesa, Umbanda de Almas, Umbanda de Angola, a Umbanda de Omolocô, dentre outras (UNIAFRO, 2017). Nesse período, a Umbanda de Almas e Angola praticada por Pai Luiz D'Ángelo, somava-se a essa pluralidade ritualística, mesclando conceitos umbandistas com práticas candomblecistas, como as obrigações internas denominadas feitura de Orixá ou camarinhas. Nessas obrigações, o médium tem a sua cabeça raspada e fica recluso no terreiro durante sete dias deitado numa esteira, refletindo e fortalecendo a conexão com os seus Orixás. Os ebós ou oferendas, são servidos aos Orixás selando o começo de uma nova vida (MARTINS, 2006). A camarinha e os ebós com animais não são práticas umbandistas, e por esses motivos muitos acreditam ser o Ritual de Almas e Angola uma religião distinta, com fundamentos e rituais próprios, apesar de terem se originado de fontes comuns (TRAMONTE, 2001).

O termo Almas e Angola faz referência à mescla das práticas umbandistas tradicionais com os ritos africanistas. A palavra Almas está relacionada aos espíritos dos ancestrais africanos, que se manifestam nas sessões de Preto-Velho. Também estão inclusos no termo "Almas" os Caboclos, espíritos ancestrais de índios que habitavam o Brasil, além de outros espíritos que compõem as diferentes "falanges" <sup>IX</sup> que atuam nos trabalhos. Já a palavra Angola faz referência ao culto aos Orixás, divindades que estão presentes na natureza (UNIAFRO, 2017).

A origem do Ritual de Almas e Angola ainda hoje é motivo de questionamento. Alguns acreditam também ter surgido a partir da Cabula, enquanto outros acreditam que tenha surgido nas áreas urbanas como uma ramificação da Umbanda criada por Zélio Fernandino de Moraes em 1908 (MARTINS, 2006). Entretanto, quase todos os seus adeptos concordam com a ideia do Ritual de Almas e Angola ter sido criado por Pai Luiz D'Ángelo, no Rio de Janeiro, na década de 1930. Em seu terreiro, Pai Luiz praticou o Ritual de Almas e Angola até 1979, ano do seu falecimento. Nesse período o Ritual havia perdido força devido à crescente procura pela Umbanda tradicional e pelo Candomblé de Kêtu, que vinham ganhando espaço entre o povo carioca e, com o falecimento do seu idealizador, entrou em fase de declínio (UNIAFRO, 2017). Historicamente Santa Catarina conheceu o Ritual de Almas e Angola em meados da década de 1940, quando Guilhermina Barcelos, a Mãe Ida (Anexo 1), foi impulsionada pela busca por novos fundamentos para reestruturar seu terreiro onde já realizava sessões de atendimento ao público seguindo os fundamentos da Umbanda tradicional (TRAMONTE, 2001). Após conhecer inúmeras casas de santo,

---

<sup>IX</sup> As falanges são agrupamentos de espíritos de mesmo grau evolutivo que atuam em determinadas que possuem semelhante vibração e compromisso caritativo.

chegou finalmente à Tenda Espírita Fé, Esperança e Caridade de Pai Luiz D'Ângelo, onde encontrou os fundamentos que buscava e criou laços de confiança, para posteriormente em 1951 inaugurar oficialmente a Tenda Espírita São Gerônimo, o primeiro terreiro de Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina (MARTINS, 2006).

O Ritual de Almas e Angola praticado em Santa Catarina pode ser definido como uma ramificação da Umbanda, porém com particularidades que o aproximam muito do Candomblé. Trata-se de uma religião que cultua os Orixás africanos, e na qual através de incorporações espirituais, os médiuns realizam atendimentos de cura e aconselhamento, trabalhando pela caridade e evolução espiritual daqueles que a seguem ou procuram ajuda (MARTINS, 2006).

### 1.3. HISTÓRICO DA ILHA DE SANTA CATARINA

Quando os colonizadores portugueses chegaram à Ilha de Santa Catarina, os habitantes que ocupavam a região eram índios do tronco tupi-guarani, que tinham como modo de subsistência a agricultura, a pesca e coleta de moluscos (SANTOS, 1974). Os carijós, como ficaram conhecidos pelos europeus, predominavam no litoral, e chegaram à região provavelmente através de um movimento migratório místico ou de sobrevivência (SANTOS, 1974; MOSIMANN, 2010).

Após a chegada no novo continente, os portugueses iniciaram os esforços para reconhecimento da nova terra (SANTOS, 1974), e não demorou muito para que a Ilha de Santa Catarina, devido ao seu posicionamento privilegiado, assumisse a condição de porto estratégico para as expedições daquela época que buscavam o Pacífico pelo Estreito de Magalhães (CORREA, 2000; MOSIMANN, 2010; GERLACH, 2010). Inúmeras foram as expedições ao litoral sul e as tentativas de ocupação sem êxito, até que em meados do século XVII, o bandeirante paulista Francisco Dias Velho, acompanhado da sua família, iniciou a povoação de Florianópolis, denominada de Nossa Senhora do Desterro (SANTOS, 1974; PIAZZA, 1994; GERLACH, 2010; ZANIN, 2011). Desde então muitos vicentistas e paulistas passaram a ocupar vários pontos do litoral. Mais adiante, a Ilha passou a assumir um papel militar estratégico na defesa dos limites austrais do Brasil, uma vez que esse território era arduamente disputado por Portugal e Espanha, passando a ser ocupada militarmente a partir de 1737, e dando início às construções dos fortes que fariam a defesa do território (PIAZZA, 1970, 1994).

A partir de meados do século XVIII imigrantes açorianos, madeirenses e portugueses continentais se estabeleceram no litoral catarinense, e passaram a combinar agricultura com a pesca (PIAZZA, 1970; DIEGUES; ARRUDA, 2001). A colonização açoriana deixou marcas

na arquitetura, religiosidade, culinária e artesanato, entre outras, mas não foi a única (IPUF, 2004; LEAL, 2007). A cidade sofreu influências das mais diversas etnias ao longo dos séculos, principalmente com a vinda dos africanos e europeus (PIAZZA, 1970; VÁRZEA, 1984).

### **1.3.1. O ingresso da população africana no litoral catarinense e as primeiras práticas religiosas**

Na vila de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, era evidente a presença de negros escravos, assim como no resto do Brasil. O ingresso da população africana no litoral catarinense ocorreu mais intensamente entre 1789 e 1799, de onde chegavam escravos provenientes de Pernambuco e Rio de Janeiro, pois Santa Catarina não praticava importação direta de escravos. Os escravos chegaram a compor cerca de 23,5% da população de Santa Catarina nos períodos de 1803 a 1857 (PIAZZA, 1999). A vila de Nossa Senhora do Desterro surgiu como um local alternativo de negociação de escravos, justamente quando o comércio humano já desaparecia como resultado de pressões contra a escravidão. Um intenso movimento de comercialização de escravos se estendeu desde a época da chegada dos primeiros africanos nos finais do século XVIII até meados do século XIX, quando o tráfico negreiro já estava proibido e sob vigilância da Marinha de Guerra Britânica (TRAMONTE, 2001).

As primeiras práticas religiosas da população afrodescendente em Desterro no século XIX tiveram o seu início a partir das Irmandades. Estas cumpriram papel fundamental na organização dos negros para participação nas festas religiosas da Igreja católica. O Código de Posturas de Desterro, Lei 222, de 10 de maio de 1845 proibia os ajuntamentos de escravos ou libertos e qualquer tipo de manifestação vinda dos mesmos. As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, fundadas por volta de 1750, garantiram a oportunidade para o encontro dos negros e participação em festividades, nas quais escravos e libertos se relacionavam e circulavam pela cidade (TRAMONTE, 2001).

Estas expressões do catolicismo popular praticadas pelos negros foram fundamentais para a construção do seu espaço, que posteriormente abrigou as primeiras religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina. Na mesma época em que surgiam os primeiros candomblés da Bahia, em 1830, em Desterro ocorriam práticas mais individualizadas, chamadas de "feitiçaria", nas quais estavam incluídas as benzedeiças e os curandeiros (MARTINS, 2006).

Com o Decreto de 11 de outubro de 1890, o Estado criou o Código Penal e os mecanismos de combate aos feiticeiros, que continha três artigos que condenavam: a prática ilegal da medicina, prática de magia e curandeirismo. Dessa forma, desde o início do seu surgimento, as práticas

religiosas dos negros foram estigmatizadas e marginalizadas, permanecendo na clandestinidade e sob forte perseguição (PIAZZA, 1999). Em 1947, na área continental de Florianópolis, foi fundado por Malvina Ayroso de Barros, a Mãe Malvina, o primeiro terreiro de Umbanda, responsável por abrir os caminhos para o aparecimento de outros rituais, como o Ritual de Almas e Angola em 1951, e o Candomblé que surgiu na região em meados da década de 1970 (TRAMONTE, 2001).

Os estudos históricos da Ilha de Santa Catarina pouco se referem à população de origem africana. A presença dos negros africanos e a violência da escravidão, é de certa forma amenizada ou desprezada por grande parte dos historiadores (CARDOSO, 2000). A supervalorização da colonização europeia e a invisibilidade social dos africanos e descendentes, são fatores que contribuem para a estereotipagem de que o Estado de Santa Catarina é formado apenas por brancos, o que não é verdade. A presença dos escravos africanos na Ilha foi marcante desde 1738, quando foram obrigados a trabalhar na construção das fortalezas e nas armações de pesca baleeira (PIAZZA, 1999). Após a chegada dos imigrantes açorianos, o número de escravos na Ilha aumentou, passando a trabalhar nas lavouras, nos engenhos e fazendo serviços domésticos. Os escravos desempenharam papéis que auxiliaram na construção da história econômica e social da cidade (PIAZZA, 1994). A invisibilidade de sua história e participação na sociedade faz parte das ideologias racistas de embranquecimento, que ocorreram no sul do Brasil. Dessa forma, isolados pelo preconceito racial, os afrodescendentes procuraram reconstruir uma tradição centrada no parentesco, na religião, na terra e nos valores morais cultivados ao longo de sua descendência (CARDOSO, 2000; LEITE, 1996).

## **2. OBJETIVOS**

Levando-se em consideração a riqueza cultural relacionada às manifestações religiosas de origem e influência africana, e a importância dos recursos vegetais para a manutenção dessas práticas terapêuticas e simbólicas, o presente trabalho buscou preencher uma lacuna existente nos estudos etnobotânicos com afrodescendentes no Brasil, que concentra trabalhos principalmente nas regiões nordeste e sudeste (PIRES et al., 2009; NETO; ALVES, 2010; PAZ et al., 2015; GARCIA et al., 2016; GORDENSTEIN, 2016). Esta dissertação tem como objetivo trazer esses elementos, que encerram conhecimentos sobre o uso de plantas, para uma região do país onde essas práticas costumam ser invisibilizadas, considerando o próprio contexto de invisibilidade do afrodescendente no sul do Brasil, e mostrar como essas tradições relacionadas ao uso de plantas adaptaram-se à flora disponível na Ilha de Santa Catarina.

## 2.1. OBJETIVO GERAL

Investigar o conhecimento sobre o uso de plantas com fins terapêuticos em religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina (SC), contribuindo para o resgate e valorização das práticas terapêuticas tradicionais.

## 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais plantas são utilizadas de forma terapêutica dentro dos terreiros e quais são consideradas mais importantes.
- Registrar as diferentes formas de utilização e contextos de uso terapêutico das plantas.
- Investigar de que maneira o conhecimento a respeito do uso terapêutico das plantas é transmitido através das gerações.
- Analisar a similaridade do conhecimento sobre as plantas terapêuticas entre os diferentes grupos religiosos.

## 3. MÉTODOS

### 3.1. ÁREA DE ESTUDO

A Ilha de Santa Catarina localiza-se na Região Sul do Brasil, no Estado de Santa Catarina. Possui 54 km de comprimento por 18 km de largura e uma área territorial de 424,40 km<sup>2</sup>, dos quais aproximadamente 29 km<sup>2</sup> são de rios e lagoas, com grande diversidade relacionada a aspectos físicos como vegetação, hidrografia, topografia e geologia (IPUF, 2004). Localiza-se entre os paralelos 27°10' e 27°50' de latitude sul, e entre os meridianos de 48°25' e 48°35' de longitude oeste, e abriga a maior parte do município de Florianópolis (Fig.02), capital do Estado de Santa Catarina, com uma população estimada em 477.798 habitantes, composta por aproximadamente 14% de negros e 86% de não-negros (IBGE, 2016).

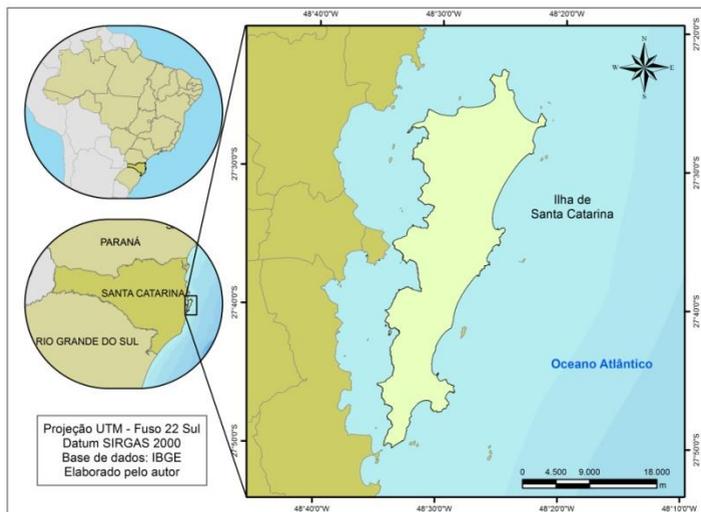


Fig.02 Área de estudo, a Ilha de Santa Catarina. Fonte: autor

### 3.1.1. Caracterização biofísica da área de estudo

O Estado de Santa Catarina apresenta uma multiplicidade de paisagens, distribuídas por várias regiões fitogeográficas devido à sua situação geográfica, formas de relevo, diversidade de tipos de solo e natureza de suas rochas (CARUSO, 1990). Segundo Klein (1978) na Ilha de Santa Catarina, estão presentes as seguintes formações vegetais principais: a Floresta tropical do litoral; e a vegetação litorânea, da qual fazem parte a vegetação de mangue, a vegetação de dunas e a vegetação de restinga (KLEIN, 1978).

A Floresta tropical do litoral é também conhecida como Floresta ombrófila densa e, segundo Klein (1978) compõe parte da Floresta tropical atlântica. Caracteriza-se por apresentar temperaturas elevadas e precipitação abundante. É o tipo de formação florestal com a maior diversidade de espécies em todo o Estado de Santa Catarina (GASPER et al., 2014), na qual predominam as matas de encostas formadas por vegetação exuberante e desenvolvida, composta por espécies que pertencem a várias formas biológicas e estratos, algumas podendo alcançar mais de 30 metros de altura (CARUSO, 1990). Podem ser encontradas espécies como a Canela-preta (*Ocotea catharinensis* Mez), a Peroba (*Aspidosperma pyricollum* Mull. Arg.), o Garapuvu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) S.F. Blake), a Figueira-de-folha-miúda (*Ficus organensis* Miq.), o Ipê-do-brejo (*Tabebuia umbellata* (Sond.) Sandwith), o Palmiteiro (*Euterpe edulis* Mart.) e o Tanheiro (*Alchornea triplinervia* (Spreng.) Mull. Arg.) (IBDF, 1984;

CARUSO, 1990). A floresta se apresenta úmida e sombria, em virtude da cobertura arbórea muito densa e fechada, na qual as diversas espécies vegetais conferem maior heterogeneidade ao conjunto da mata (KLEIN, 1978; IBDF, 1984).

Os manguezais são compostos tipicamente pela vegetação litorânea intertropical, que desenvolve-se em solos arenoso-lodosos e salinos situados em partes planas inundáveis na preamar e emersas na baixamar às margens de baías, estuários e desembocaduras dos rios, servindo como uma transição entre o mar e a terra (IBDF, 1984; CARUSO, 1990). São formados por vegetação halófito com predomínio de espécies arbustivas e pequenas árvores latifoliadas perenes. As principais espécies encontradas nos mangues da Ilha de Santa Catarina são: o Praturá (*Spartina montividentis* Arechav.), o Mangue-siriúva (*Avicennia schaueriana* Stapf & Leechm. ex Moldenke), o Mangue-legítimo (*Rhizophora mangle* L.), o Mangue-branco (*Laguncularia racemosa* (L.) C.F. Gaertn.), a Uriva (*Hibiscus tiliaceus* L.), e a Corticeira (*Annona glabra* L.) (SOUZA SOBRINHO, 1969; IBDF, 1984; CARUSO, 1990).

A restinga é um ecossistema costeiro composto por diversas comunidades biológicas, onde diferentes tipos de vegetação são encontrados, formando complexos pioneiros com fitofisionomias herbáceo-subarbustivas, arbustivas ou arbóreas, que são determinados pelas características dos seus substratos (FALKENBERG, 1999). É composta por espécies normalmente halófitas, com folhas reduzidas e que desenvolvem-se principalmente sobre os solos arenosos de praias, dunas, terraços, depressões e cordões arenosos e, secundariamente sobre os solos rochosos pouco desenvolvidos de costões e ilhotas. São espécies comumente encontradas na Ilha de Santa Catarina: a Aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi), a Maria-mole (*Guapira opposita* (Vell.) Reitz), o Cambuí (*Myrcia multiflora* (Lam.) DC.), o Bagaçu (*Eugenia umbelliflora* O. Berg), a Pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), a Erva-baleeira (*Cordia verbenacea* DC.) e a Canela-do-brejo (*Ocotea pulchella* (Nees & Mart.) Mez) (BRESOLIN, 1979; IBDF, 1984; CARUSO, 1990). Como parte da vegetação de restinga, as dunas apresentam-se fora da área de alcance das marés, e podem ser móveis, semi-fixas e fixas (FALKENBERG, 1999).

Na Ilha de Santa Catarina, os maiores campos de dunas móveis e semi-fixas ocorrem no litoral leste, com destaque para o da praia da Joaquina e o da praia do Campeche, característicos pela vegetação escassa e muitas vezes ausente. As dunas do norte da Ilha são fixadas pela vegetação num ritmo mais acelerado quando comparadas com as dunas do sul, que chegam a formar cinturões de areia completamente descobertos (CARUSO, 1990). Trata-se de um ambiente com elevadas temperaturas, sujeito a intensa radiação solar, a ação dos ventos, a escassez de água e nutrientes no solo (FALKENBERG, 1999). A vegetação que se estabelece nas dunas

móveis e semi-fixas é formada por plantas heliófitas com raízes numerosas e compridas, destacando-se espécies como a *Spartina ciliata* Brongn., *Panicum racemosum* (P. Beauv.) Spreng., *Centella asiatica* (L.) Urb., *Scaevola plumieri* (L.) Vahl, *Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br., *Ipomoea stolonifera* (Cirillo) J.F. Gmel., *Polygala cyparissias* A. St.-Hil. & Moq., entre outras (IBDF, 1984; CARUSO, 1990).

Segundo o sistema de classificação de Köeppen, o clima do Estado de Santa Catarina é do tipo mesotérmico úmido “Cf”, incluindo dois subtipos, “Cfa” e “Cfb” (IBDF, 1984). A Ilha de Santa Catarina está totalmente inserida no subtipo “Cfa” que corresponde ao clima subtropical com temperatura média no mês mais frio inferior a 18°C (mesotérmico) e temperatura média no mês mais quente acima de 22°C, com verões quentes, pouca frequência de geadas, uma tendência à concentração de chuvas nos meses de verão e sem estação seca definida (IBDF, 1984; PANDOLFO et al., 2002).

### 3.2. COLETA DE DADOS

O delineamento amostral inicial foi definido através do levantamento dos terreiros existentes na área de estudo por meio de consultas ao site da União de Cultura Negra de Santa Catarina (UNIAFRO, 2017), que fornece contato dos terreiros de religiões afro-brasileiras cadastrados na região, complementados por buscas na ferramenta de busca Google®. A partir dos terreiros contactados foi usada a técnica “bola-de-neve” (ALBUQUERQUE et al., 2010), na qual os entrevistados indicam outros entrevistados com as mesmas características (Pais e Mães-de-Santo de terreiros de Candomblé, Umbanda e do Ritual de Almas e Angola na Ilha de Santa Catarina), e assim sucessivamente, abrangendo dessa maneira um maior número possível de pessoas que se adequam ao perfil da pesquisa. Durante a coleta de dados ocorreram também encontros ocasionais com informantes, enquanto procurava-se informações sobre o endereço de outros terreiros, e esses novos informantes foram incorporados à pesquisa já que se enquadravam no perfil do trabalho.

Os entrevistados foram selecionados intencionalmente, sem restrição de sexo ou idade, e tiveram a sua participação condicionada à concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) apresentado previamente à entrevista, de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC), que autorizou a pesquisa através do registro CAAE 47380815.7.0000.0121. Em cada terreiro foi realizada uma entrevista.

As informações etnobotânicas foram obtidas através de entrevistas semi-estruturadas (Apêndice B) com informantes-chave, sendo esses os Pais

e Mães-de-santo de terreiros de Candomblé, Umbanda, e do Ritual de Almas e Angola na Ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis, Brasil. Foi realizado um estudo piloto em dois terreiros localizados fora da área de estudo com o objetivo de efetuar ajustes nos métodos e no protocolo de entrevistas. As entrevistas foram realizadas durante o período de dezembro de 2015 a novembro de 2016, e abrangiam questões relacionadas ao conhecimento sobre plantas terapêuticas e seus diferentes contextos e formas de uso, local de obtenção, com quem o conhecimento foi adquirido, assim como a respeito da importância das plantas dentro desse universo religioso, e de que maneira o conhecimento está sendo repassado dentro dos terreiros.

No presente trabalho foram consideradas plantas medicinais aquelas utilizadas para tratar as doenças do corpo físico, e plantas litúrgicas aquelas que são utilizadas de forma ritualística e para tratar as doenças relacionadas ao espírito.

Os dados também foram obtidos por meio de observação participativa e de turnês-guiadas que foram realizadas com o objetivo de coletar as espécies citadas para identificação botânica. As turnês foram realizadas nos quintais dos terreiros e em regiões de mata localizadas no entorno dos mesmos.

As coletas de material botânico foram realizadas de acordo com os procedimentos padrão de coleta, secagem, identificação e herborização (ROTTA et al., 2008), e em conformidade com o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO (Nº Registro: 49909-1) (Anexo 2), que fiscaliza as coletas de material botânico, fúngico e microbiológico. A identificação do material foi feita através de bibliografias específicas e consultas a especialistas. Os materiais com estruturas reprodutivas foram depositados no Herbário FLOR da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e as amostras com apenas estruturas vegetativas foram depositadas no Herbário da Escola Agrotécnica de Manaus (EAFM), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Os respectivos números de depósito estão disponíveis no anexo 3. As espécies que foram identificadas em campo e as que não puderam ser coletadas estão identificadas com o nº de coletor. Foram utilizadas as bases de dados TROPICOS (TROPICOS.ORG, 2016) e REFLORA (REFLORA, 2016) para conferir os nomes das plantas identificadas. As Angiospermas foram identificadas a partir da terceira versão do sistema de classificação do Grupo de Filogenia de Angiospermas – *Angiosperm Phylogeny Group* (APGIII).

Algumas espécies vegetais citadas não foram coletadas, pela indisponibilidade do entrevistado em fazer as turnês, muitas vezes decorrente da idade avançada, pela ausência ou baixa abundância de exemplares nos quintais. Muitas plantas utilizadas nos rituais são levadas

pelos filhos-de-santo ou por seguidores do terreiro. A identificação das plantas não coletadas foi baseada na descrição da planta feita pelo entrevistado, com base nos nomes populares e com o auxílio de bibliografia específica (JOLY, 1991; LORENZI, 1991; LORENZI; MATOS, 2008; LORENZI; SOUZA, 2008; CORADIN et al., 2011). As espécies não identificadas foram excluídas das análises estatísticas. Alguns terreiros foram visitados mais de uma vez na tentativa de coletar o máximo de espécies possíveis.

### 3.3. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos nas entrevistas e nas listagens livres foram analisados por meio de estatística descritiva. As espécies citadas foram organizadas em uma tabela com nome popular, classificação botânica, contexto de uso, origem e frequência de citação. As doenças foram categorizadas pelo entrevistador de acordo com o CID-10 / Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde.

Foi utilizada uma curva aleatorizada de acumulação de espécies para avaliar a riqueza estimada de espécies citadas em função do número de entrevistas (GOTELLI; ELLISON, 2011). A análise foi realizada no programa EstimateS versão 9.1 (GOTELLI; COLWELL, 2011) e o estimador de riqueza utilizado foi o Chao2, baseado na presença e ausência de espécies (ALBUQUERQUE et al., 2010).

Para avaliar a similaridade no conhecimento sobre plantas terapêuticas entre os entrevistados, foi realizada uma análise de agrupamento a partir de uma matriz de presença e ausência de espécies citadas. A partir dessa matriz foi gerada uma matriz de similaridade utilizando o método de aglomeração UPGMA. O nível de similaridade entre os três grupos foi calculado a partir do Índice de Similaridade de *Jaccard*, segundo a fórmula apresentada por Mueller-Dombois e ElleMBERG (1974).

Para avaliar a consistência dos agrupamentos foi utilizada a análise SIMPROF (*similarity profile analysis*). A análise de agrupamento e o SIMPROF foram realizadas no programa PRIMER-E versão 7 (CLARKE; GORLEY, 2015).

A diferença entre as médias do número de espécies citadas por cada grupo religioso foi avaliada através do ANOVA, realizado no programa BioEstat versão 3.0 (AYRES, 2003).

As plantas citadas foram classificadas em relação ao local de origem de acordo com o sistema de classificação proposto por Vavilov (1992), baseado em centros de diversidade (oito grandes centros ou regiões biogeográficas) em relação à domínio de planta com grau de domesticação. Neste trabalho foram consideradas nativas as espécies com origem na região que engloba os territórios do Brasil e o Paraguai (VIIIb), e exóticas as

espécies que foram introduzidas nas Américas depois do início da colonização europeia (CLEMENT, 1999; PRANCE; NESBITT, 2005; PERONI et al., 2016). Dessa maneira algumas espécies introduzidas no sul do Brasil podem ser consideradas como nativas devido a migrações ocorridas em tempos pré-colombianos.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 27 Babalorixás e Yalorixás (Pais e Mães-de-santo) de casas de cultos afro-brasileiros na Ilha de Santa Catarina. Dentre os entrevistados, 13 praticam o Ritual de Almas e Angola, 11 a Umbanda e 3 o Candomblé. O grupo dos 27 entrevistados era composto por 9 homens e 18 mulheres, com idades entre 34 e 67 anos (média de 56,48 anos, desvio padrão de 8,77). Desses, 17 são aposentados e exercem exclusivamente o papel de sacerdote, enquanto 10 afirmaram trabalhar em outras atividades além de exercerem a função de sacerdote religioso. Apenas 2 entrevistados não residem no mesmo local de onde estão situados os seus terreiros, geralmente localizado nos fundos das suas casas.

Dos 40 terreiros inicialmente identificados, 5 se recusaram a participar do estudo, 6 não foram contatáveis, 2 casas anunciaram o encerramento dos trabalhos e 4 foram excluídas da pesquisa por dificuldade de acesso e questões relacionadas à segurança<sup>X</sup>.

### 4.2. CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS TERAPÊUTICAS

Foram registradas 93 plantas terapêuticas, das quais foi possível identificar taxonomicamente 86 espécies, pertencentes a 37 famílias botânicas (Tabela 1). As famílias Lamiaceae (17,44%) e Asteraceae (8,13%) foram as mais representativas entre as espécies citadas. Asteraceae e Lamiaceae são famílias com grande número de citações em estudos

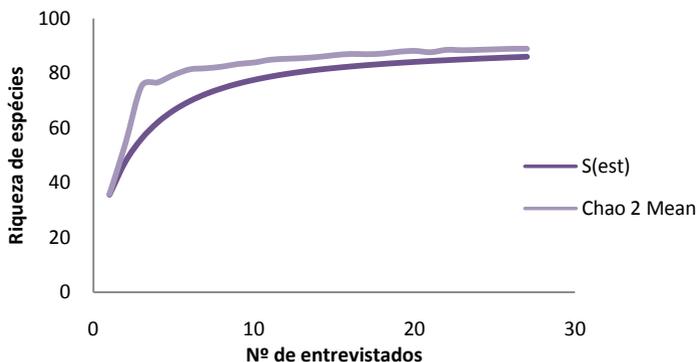
---

<sup>X</sup> Muitos terreiros estão localizados em bairros pobres e favelas, que infelizmente não proporcionam segurança para transitar livremente por conta da tensão vivida entre traficantes e a polícia. Existem ainda aqueles que por estarem localizados em áreas irregulares, sentem-se ameaçados e expostos ao participarem da pesquisa pois temem que algum órgão fiscalizador os procure posteriormente. Todos esses fatores estão de certa forma relacionados às marcas deixadas pelo preconceito e marginalização a que as religiões de origem e influência africana foram submetidas ao longo dos anos. É nítida ainda a desconfiança dos entrevistados em relação aos interesses e propósitos daqueles que os procuram buscando acessar o conhecimento que possuem.

realizados com plantas medicinais (DI STASI et al., 2001; BEGOSSI et al. 2002; PINTO et al., 2006; MIRANDA; HANAZAKI, 2008; ZANK, 2011; VASQUEZ et al., 2014). Segundo Di Stasi et al. (2001) Asteraceae e Lamiaceae incluem aproximadamente 22.750 e 6.700 espécies de plantas respectivamente, das quais grande parte é composta por ervas cosmopolitas, arbustos e árvores que são amplamente empregados na medicina popular por todo o mundo.

As famílias botânicas Lamiaceae, Asteraceae, Poceae, Fabaceae, Malvaceae, Rutaceae e Apiaceae são as mais representativas em número de espécies introduzidas nas farmacopeias de vários grupos nativos da América do Sul e podem ser encontradas tanto em clima tropical como temperado (BENNETT; PRANCE, 2000). Com exceção da família Malvaceae, todas as outras foram registradas no presente trabalho.

A riqueza estimada para plantas terapêuticas usadas em terreiros da Ilha de Santa Catarina é de 90 espécies vegetais segundo o estimador Chao 2 (Fig. 02). Assim, o tamanho da amostra (27 entrevistados) foi suficiente para representar mais de 95% das espécies que são utilizadas nos terreiros da região.



**Fig.02** Curva de acumulação e estimativa de riqueza de plantas terapêuticas conhecidas por grupos religiosos de origem e influência africana na Ilha de Santa Catarina, a partir de uma riqueza observada de 86 espécies citadas por 27 entrevistados. S(est) = riqueza observada, Chao 2 Mean = riqueza estimada. Fonte: autor.

Um conjunto de dezesseis plantas (19%) foi citado por todos os entrevistados (Fig. 03) e apenas 7% das plantas foram citadas por apenas um entrevistado, demonstrando que apesar de serem grupos religiosos distintos, grande parte do conhecimento sobre o uso dessas plantas é compartilhado. Essas dezesseis espécies vegetais têm um significado e um

valor cultural de extrema importância na identidade desses grupos religiosos e esse pode ser um dos elos que os conectam à origem ancestral africana comum a todos.

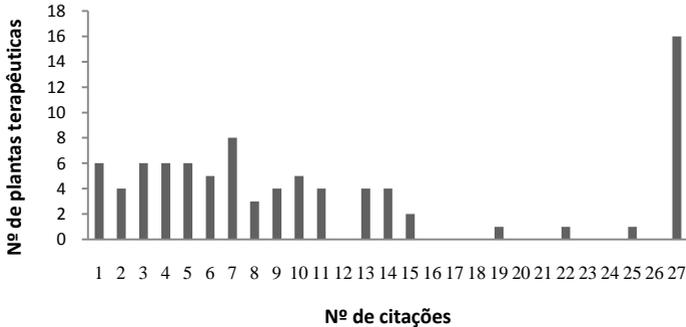


Fig.03 Número de plantas terapêuticas de acordo com o número de vezes que foram citadas pelos 27 entrevistados. Fonte: autor.

As 16 espécies mais citadas foram: a alfazema (*Lavandula angustifolia* Mill.), o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), o abre-caminho ou quebra-demanda (*Justicia gendarussa* Burm.f.), a arruda (*Ruta graveolens* L.), o boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews), a comigoninguém-pode (*Dieffenbachia amoena* Bull.), as espadas-de-São Jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain) e de Santa-Bárbara (*Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (De Wild.) N.E.Br), o fumo (*Nicotiana tabacum* L.), a guiné (*Petiveria alliaceae* L.), a hortelã (*Mentha x villosa* Huds.), a lança-de-Ogum (*Sansevieria cylindrica* Bojer ex Hook.), a lavanda (*Lavandula dentata* L.), o manjeriço (*Ocimum basilicum* L.), as pimentas malagueta (*Capsicum frutescens* L.) e dedo-de-moça (*Capsicum baccatum* L.) (Anexo 4). Em estudos similares realizados por Albuquerque e Chiappeta (1994) Gomes et al. (2008), Pires et al. (2009) e Paz et al. (2015), sobre o uso de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras, espécies como o alecrim, arruda, boldo, espadas-de-São Jorge e Santa Bárbara, manjeriço e comigoninguém-pode, também aparecem como as mais citadas.

**Tabela 01.** Plantas terapêuticas (classificação botânica, nome popular, contexto de uso, local de origem e frequência de citação) citadas por 27 entrevistados de terreiros de Almas e angola (13), Candomblé (3) Umbanda (11) na Ilha de Santa Catarina. Lit = litúrgico; Med = medicinal; Lit / Med = litúrgico e medicinal; I = Chinês; II = Indiano; III = Interior asiático; IV = Ásia menor; V = Mediterrâneo; VI = Etíope; VII = Sul mexicano / América central; VIII = América do sul andina; VIIIA = Chileno; VIIIB = Brasileiro-paraguaio. Fonte: autor.

Classificação Botânica	Nome popular	Contexto de uso	Origem	Frequência de citação
<b>ACANTHACEAE</b>				
<i>Justicia glandulosa</i> Burm. f.	Abre caminho ou quebra-demanda	Lit	II	27
<b>ADOXACEAE</b>				
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schitdl.	Sabugueiro	Med	VIIIB	3
<b>AMARANTHACEAE</b>				
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina	Med	VIIIB	3
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Med	VIIIB	9
<b>AMARYLLIDACEAE</b>				
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Lit / Med	IV	14
<b>ANACARDIACEAE</b>				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Med	VIIIB	2
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Lit	II	5
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Arroeira-vermelha	Lit / Med	VIIIB	11
<b>APIACEAE</b>				
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Med	V	13
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	Lit / Med	V	1
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	Med	V	5
<b>ARACEAE</b>				
<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode	Lit	VII	27
<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	Lírio-da-paz	Lit	III	14
<b>ARALIACEAE</b>				
<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H. Bailey	Árvore-da-felicidade	Lit	II	1
<b>ASPARAGACEAE</b>				
<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	Peregum	Lit	VI	13
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Lança-de-Ogum	Lit	VI	27
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-Ogum ou Espada-de-São-Jorge	Lit	VI	27
<i>Sansevieria trifasciata var. laurentii</i> (De Wild.) N.E. Br	Espada-de-lansã ou Espada-de-Santa-Bárbara	Lit	VI	27
<b>ASPHODELACEAE</b>				
<i>Aloe</i> spp.	Babosa	Med	VI	13
<b>ASTERACEAE</b>				
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Med	V	3
<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula	Med	V	4
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Lit / Med	V	7
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Med	VIIIB	11
<i>Sphagnetocola trilobata</i> (L.) Pruski	Arnica	Med	VIIIB	10
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga-de-mulata	Med	V	9
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Orô ou Assa-peixe	Lit / Med	VI	1
<b>BIGNONIACEAE</b>				
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Cipó-cruz ou Pariri	Med	VIIIB	3
<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	Ipê-amarelo	Med	VIIIB	3
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Cipó-de-São-João	Lit	VIIIB	1
<b>BORAGINACEAE</b>				
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	Erva-baleeira	Med	VIIIB	11

Classificação Botânica	Nome popular	Contexto de uso	Origem	Frequência de citação
<b>BURSERACEAE</b>				
<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	Mirra	Lit	VI	25
<b>CACTACEAE</b>				
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Orapronobis	Med	VIIIb	1
<b>CELASTERACEAE</b>				
<i>Maytenus officinalis</i> Mabb.	Espinheira-santa	Med	VIIIb	9
<b>COMMELINACEAE</b>				
<i>Dichorisantra thyrsiflora</i> J.C. Mikan	Cana-de-macaco	Med	VIIIb	7
<b>COSTACEAE</b>				
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-do-brejo	Med	VIIIb	6
<b>CRASSULACEAE</b>				
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha-da-fortuna	Lit	VI	9
<b>EUPHORBIACEAE</b>				
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	Lit	VII	14
<b>FABACEAE</b>				
<i>Bauhinia variegata</i> L.	Pata-de-vaca	Med	II	10
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	Mulungu	Med	VIIIb	7
<b>GERANIACEAE</b>				
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Alton	Malva-cheirosa	Lit / Med	VI	14
<b>LAMIACEAE</b>				
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	Lit	V	27
<i>Lavandula dentata</i> L.	Lavanda	Lit	V	27
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Med	V	19
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Lit / Med	V	8
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã	Lit / Med	V	27
<i>Mentha spicata</i> L.	Alevante	Lit / Med	V	15
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	Lit / Med	II	27
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Anis	Lit	VIIIb	5
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	Lit	V	8
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo-de-Oxalá	Lit / Med	II	27
<i>Plectranthus nummularius</i> Briq.	Dólar	Lit	II	3
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	Boldo-chinês	Med	VI	5
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Lit / Med	V	27
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	Med	V	11
<i>Thymus vulgaris</i> L.	Tomilho	Med	V	4
<b>LAURACEAE</b>				
<i>Cinnamomum cassia</i> (L.) J.Presl	Canela	Lit / Med	II	10
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Lit / Med	V	2
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	Med	VII	4
<b>LYTHRACEAE</b>				
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Lit / Med	IV	4
<b>MORACEAE</b>				
<i>Morus nigra</i> L.	Amora-preta	Med	I	13
<b>MUSACEAE</b>				
<i>Musa</i> seção <i>musa</i>	Bananeira	Med	II	5

Classificação Botânica	Nome popular	Contexto de uso	Origem	Frequência de citação
<b>MYRTACEAE</b>				
<i>Eucalyptus</i> spp.	Eucalipto	Lit / Med	II	10
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Lit / Med	VIIIb	7
<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg.	Jaboticaba	Lit	VIIIb	4
<i>Psidium guajava</i> L.	Goabeira	Med	VIIIb	4
<b>PETIVERIACEAE</b>				
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Lit	VII	27
<b>PHYLLANTHACEAE</b>				
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Med	VIIIb	7
<b>PIPERACEAE</b>				
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Oriri	Med	VIIIb	2
<b>PLANTAGINACEAE</b>				
<i>Plantago major</i> L.	Tansagem	Lit / Med	V	6
<b>POACEAE</b>				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Capim-limão ou Capim-cidreira	Lit / Med	II	7
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Citronela	Lit / Med	II	5
<b>ROSACEAE</b>				
<i>Fragaria</i> sp.	Morango	Med	VIIIa	1
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-amarela	Lit	IV	7
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca	Lit	IV	15
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-vermelha	Lit	IV	22
<b>RUTACEAE</b>				
<i>Citrus</i> sp. 1	Laranja	Med	II	6
<i>Citrus</i> sp. 2	Limão	Med	II	6
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Lit	V	27
<b>SOLANACEAE</b>				
<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta-dedo-de-moça	Lit / Med	VII	27
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Lit / Med	VII	27
<i>Datura suaveolens</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Trombeta	Lit	VII / VIIIb	2
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	Lit	VII	27
<b>ZINGIBERACEAE</b>				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	Colônia	Lit	II	6
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão-da-terra ou Cúrcuma	Med	II	7
<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Lírio-de-Oxum ou Lírio-do-brejo	Lit	III	10
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Med	II	8
<b>NÃO IDENTIFICADAS</b>				
	Boldo-da-india			2
	Gervão-roxo			1
	Permanganato			1
	Erva-de-leão			1
	Juncá			1
	Erva-de-formigueiro			1

#### 4.3 ESPÉCIES COMPARTILHADAS POR TODOS OS TERREIROS

Cada uma das 16 espécies que compõem o conjunto de plantas mais importantes foi descrita, com informações relativas à caracterização morfológica, potenciais terapêuticos, formas e indicação de uso em rituais afro-brasileiros (CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008; CAMARGO, 2014; SARACENI, 2015). Todas as 16 espécies compartilhadas são usadas no contexto litúrgico, e sete delas também são usadas medicinalmente. Isso contraria a afirmação de Batisde (1978) sobre as plantas utilizadas no contexto litúrgico serem sempre diferentes daquelas que se destinam ao uso medicinal. Quanto à origem, 5 são originárias da

América Tropical e Caribe, 5 da região Mediterrânea, 3 da Indiana e 3 do continente Africano.

### **Abre-caminho - *Justicia gendarussa* Burm. f.**

Arbusto ereto, de pequeno porte, que pode alcançar 1,5m de altura. Suas folhas são alongadas e lanceoladas, de coloração verde-escuro. Suas flores são pequenas de tom rosa-claro muito apreciadas por polinizadores, disposta em inflorescências terminais. É originária da região Indiana, pertencente à família botânica Acanthaceae, amplamente distribuída no Brasil e no mundo, principalmente nas regiões tropicais e sub-tropicais (OLIVEIRA; ANDRADE, 2000).

Um estudo fitoquímico da planta revelou a presença de compostos fenólicos, alcalóides e esteróis (UDDIN et al., 2011). Não foi citada pelos entrevistados nenhuma indicação de uso medicinal, entretanto estudos realizados com *J. gendarussa* indicaram a presença de compostos bioativos com diferentes potenciais terapêuticos, como: antioxidante (PAL; RAHAMAN, 2015), antinociceptivo (SUBRAMANIAN et al., 2014), antiinflamatório (JOTHIMANIVANNAN et al., 2010; KUMAR et al., 2012), anti-reumatismo (PAVAL et al., 2009), antiparasitário (SAHA et al., 2012), antibacteriano (SIVASAKTHI; VIJAYALAKSHMI, 2014), além de propriedades anti-HIV (ZHANG et al., 2017) e anti-tumoral (AYOB et al., 2014).

No contexto litúrgico o abre-caminho foi indicado pelos entrevistados para utilização em banhos de descarrego, na composição dos defumadores e no amaci. Nos cultos afro-brasileiros, além das indicações citadas pelos entrevistados, também são observadas indicações para cultivo em vasos e canteiros para uso como elementos de proteção (FARELLI, 2010; BARROS, 2014).

### **Alecrim - *Rosmarinus officinalis* L.**

Arbusto perene, aromático, frondoso e bastante ramificado, que pode alcançar 1m de altura. Suas flores são pequenas, de coloração branca e fruto em formato capsular (LORENZI; MATOS, 2008). É nativo da região do Mediterrâneo, pertencente à família botânica Lamiaceae, está amplamente distribuída nos grandes centros urbanos e cultivada em hortas e quintais por todo o mundo, apreciada pelos atributos culinários e medicinais (DI STASI et al., 2001; ALMEIDA, 2011).

Suas folhas são ricas em óleos essenciais, principalmente timol (50 a 60%) e carvacrol (5-8%), além de outros como p-cimeno (12 - 27%), cis-cariofileno (1 - 10%), y-terpineno (6%), mirceno (2%) e outros terpenos em menores quantidades (CAMARGO, 1998). No contexto medicinal, os

entrevistados indicaram o alecrim para tratamento contra a depressão, dores de cabeça, problemas digestivos e cardiovasculares. Estudos realizados com os óleos essenciais e seus componentes extraídos das folhas do alecrim, indicaram diferentes potenciais terapêuticos, como: antimicrobiano (SILVA et al., 2008; POZZO et al., 2011; WALLER et al., 2016), anti-inflamatório (ROCHA et al., 2015; RAHBARDAR et al., 2017), anti-depressivo (SASAKI et al., 2013; ABDELHALIM et al., 2015; FERLEMI et al., 2015) e antioxidante (ERKAN et al., 2008; WANG et al., 2008; HERNANDEZ et al., 2009).

No contexto litúrgico, os entrevistados citaram o alecrim para uso principalmente nos banhos de descarrego, na composição dos defumadores, no amaci e cultivada em vaso ou canteiro como elemento de proteção.

### **Alfazema - *Lavandula angustifolia* Mill.**

Subarbusto perene, aromático, ereto, muito ramificado na base, de coloração verde-acinzentada, que pode alcançar de 30 a 70 cm de altura. Suas flores azuis são muito perfumadas e ornamentais, e conhecidas pelo seu óleo essencial (LORENZI; MATOS, 2008). É originária da Europa e região do Mediterrâneo, pertencente à família botânica Lamiaceae, e cultivada em vários países de clima temperado.

Análises fitoquímicas indicaram a presença de óleo essencial constituído de cariofileno, dos álcoois geraniol, furfurool, linalol e seus ésteres, bem como cumarinas, taninos, saponina ácida e princípio amargo (CORRÊA et al., 1998; LORENZI; MATOS, 2008). Os entrevistados não indicaram nenhum uso medicinal, entretanto estudos realizados com os óleos essenciais da alfazema confirmaram suas propriedades como: antioxidante (ANGELO et al., 2014; PRUSINOWSKA et al., 2015; BAKHSHA et al., 2014), antimicrobiano (RAPPER et al., 2013; GIOVANNINI et al., 2016; MARIN et al., 2016), e antidepressivo (KAGEYAMA et al., 2012; SHAHRAKI et al., 2017).

No contexto litúrgico, a alfazema foi indicada pelos entrevistados para uso em banhos de descarrego, na composição dos defumadores e no ritual do amaci.

### **Arruda - *Ruta graveolens* L.**

Subarbusto perene, de caule ereto, que pode medir cerca de 1 m de altura. Suas folhas possuem coloração verde-azulada, fortemente aromáticas, e suas flores são pequenas, amarelas, dispostas em cachos também aromáticos (CAMARGO, 1998).

É originária da Europa meridional e região Mediterrânea, pertencente à família botânica Rutaceae, e amplamente cultivada em vários

países como no Brasil e Europa oriental como planta medicinal (CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008). A planta apresenta óleo essencial em suas folhas, rico em metilcetonas, acompanhadas de quantidades menores de outros componentes, e nas raízes um óleo essencial de composição diferente da encontrada nas folhas. Dentre os constituintes fixos há vários glicosídeos flavônicos nas flores, enquanto nas folhas predomina a rutina e derivados cumarínicos, entre os quais estão o bergapteno, a xantotoxina e o psoraleno que são substâncias fotossensibilizantes, além de saponina do ácido oleanólico, um heterosídeo antociânico, uma lignana e vários alcalóides (LORENZI; MATOS, 2008; ALMEIDA, 2011). Os entrevistados não citaram nenhum uso medicinal para a arruda, entretanto estudos realizados revelaram propriedades terapêuticas como: anti-inflamatória (ASGARPANAH; KHOSHKAM, 2012; RATHEESH et al., 2013), antimicrobiana (ORLANDA; NASCIMENTO, 2015; SAEDINIA et al., 2016), analgésica (AHMADI et al., 2015; CUNHA et al., 2015), anti-reumática (CHOUDHARY et al., 2015), contraceptiva (FREITAS et al., 2005; SHARMA et al., 2015), antioxidante e anti-androgênica (CHOUDHARY et al., 2015). Por outro lado essas propriedades medicinais devem ser analisadas com cuidado uma vez que a arruda tem ação hepatotóxica.

No contexto litúrgico os entrevistados citaram usos principalmente em banhos de descarrego, na composição dos defumadores, nos benzimentos, e cultivada em vasos e canteiros para proteção do ambiente.

### **Boldo - *Plectranthus barbatus* Andrews**

Planta herbácea ou subarborescente, aromática, perene, ereta quando jovem e decumbente após 1-2 anos, pouco ramificada, e pode alcançar até 1,5 m de altura. Suas folhas são grandes, espessas, pilosas, de sabor amargo. Suas flores são azuis dispostas em inflorescências apicais (LORENZI; MATOS, 2008).

É originário da Índia, pertencente à família botânica Lamiaceae, e está amplamente distribuído pelo Brasil e vários outros países (CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008; ALMEIDA, 2011). A planta apresenta óleo essencial rico em guaieno e fenchona, substâncias responsáveis pelo seu aroma e, alguns constituintes fixos de natureza terpenica como a barbatusina e outros componentes como ciclobarbatusina, cariacal, alm de triterpenóides e esteróides (ALBUQUERQUE, 2000; LORENZI; MATOS, 2008; ALASBAHI; MELZIG, 2010). No contexto medicinal, os entrevistados citaram o uso como xarope para combater a bronquite. Os estudos realizados com o boldo têm demonstrado diferentes potenciais terapêuticos como: antioxidante (FALÉ et al., 2009; MAIOLI et

al., 2010; KAPEWANGOLO et al., 2013) e anti-espasmódico (ALASBAHI; MELZIG, 2010).

No contexto litúrgico, os entrevistados indicaram o boldo para uso principalmente nos banhos de descarrego, no ritual do amaci, na composição dos defumadores e nas oferendas.

### **Comigo-ninguém-pode - *Dieffenbachia amoena* Bull.**

Planta herbácea, perene, ornamental, tóxica, lactescente, de caule ereto e suculento, que pode alcançar de 1 a 2 m de altura. As suas folhas são grandes, de formas oblongas, de coloração verde com a presença de manchas brancas. As flores são dispostas em espádice, ocupando a porção superior da inflorescência, e seus frutos são de cor vermelho-alaranjado (CAMARGO, 1998).

É originária da América Tropical / Central, pertence a família Araceae, e tem ampla distribuição geográfica, sendo cultivada em vários países do mundo todo para fins ornamentais e litúrgicos, onde são utilizadas para proteção. A planta apresenta oxalato de cálcio nas folhas, e a ingestão de qualquer parte da planta leva à intoxicação, com acentuada irritação da mucosa bucal e da faringe, edema nos lábios, língua e gengivas, vômitos e cólicas intensas. Além disso, o contato com os olhos provoca conjuntivite, edema nas pálpebras, e casos sérios de dermatite de contato por plantas (CAMARGO, 1998; DIÓGENES; MATOS, 1999; FERREIRA et al., 2006; SILVA; TAKEMURA, 2006). Não foram indicados usos medicinais pelos entrevistados e nem registrados na literatura.

No contexto litúrgico os entrevistados citaram o uso da *D. amoena* cultivada em vasos e canteiros para proteção contra energias negativas, e em alguns casos, são indicados banhos de descarrego, sempre com cautela devido às propriedades tóxicas da planta (CAMARGO, 1998; FARELLI, 2010; BARROS, 2014).

### **Espada-de-Iansã ou Espada-de-Santa-Bárbara - *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (De Wild.) N.E. Br**

Planta herbácea, perene, ereta, ornamental, tóxica e pode alcançar até 1 m de altura. Suas folhas são grandes, largas e achatadas, com formato lanceolado, de consistência suculenta, e coloração verde com manchas transversais em tom de verde escuro e borda amarela. Suas flores são branco-amareladas, perfumadas e reúnem-se em inflorescência ereta (LORENZI; SOUZA, 2008).

É uma planta originária da África, pertencente à família Asparagaceae, com ampla distribuição, cultivada em vasos e canteiros em vários lugares do mundo (BARROS, 2014). A espada-de-Iansã apresenta

alcalóides, leucoantocianidinas, saponinas esteroidales, cumarinas, lactonas sesquiterpénicas, glicosídeos cardiotônicos, carotenóides e carboidratos (FARJADO et al., 2011). Possui cristais de oxalato de cálcio e outros ácidos orgânicos nas folhas e rizoma, que são tóxicos e causam irritação da mucosa bucal e do esôfago, assim como do estômago (DER MARDEROSIAN et al., 1976; WINTERS, 2000; OLIVEIRA et al., 2003). Não foi citado pelos entrevistados nenhum uso medicinal para *S. trifasciata* var. *laurentii*, e também não foram encontrados trabalhos específicos na literatura a respeito de algum uso medicinal para essa espécie.

No contexto litúrgico foi citado o uso da espada-de-Iansã nos banhos de descarrego, na composição dos defumadores, no ritual do amaci, e cultivada em vasos e canteiros como elemento de proteção contra energias negativas.

### **Espada-de-Ogum ou Espada-de-São-Jorge - *Sansevieria trifasciata* Prain**

Planta herbácea, perene, ereta, ornamental, tóxica, podendo alcançar 1 m de altura. Suas folhas são grandes, largas e achatadas, com formato lanceolado, de consistência suculenta, e coloração verde as vezes com tons azulados, com manchas transversais em tom de verde escuro. Suas flores são branco-amareladas, perfumadas e reúnem-se em inflorescência ereta (LORENZI; SOUZA, 2008).

É originária da África, pertence à família Asparagaceae, com ampla distribuição, cultivada em vasos e canteiros em vários lugares do mundo (BARROS, 2014; SARACENI, 2015). Possui alcalóides, leucoantocianidinas, saponinas esteroidales, cumarinas, lactonas sesquiterpénicas, glicosídeos cardiotônicos, carotenóides e carboidratos (FARJADO et al., 2011). Possui cristais de oxalato de cálcio e outros ácidos orgânicos nas folhas e rizoma, que são tóxicos e causam irritação da mucosa bucal e do esôfago, assim como do estômago (DER MARDEROSIAN et al., 1976; WINTERS, 2000; OLIVEIRA et al., 2003). Os entrevistados não citaram nenhum uso medicinal, entretanto estudos realizados revelaram diferentes potenciais terapêuticos como: antioxidante e antimutagênico (KARAMOVA et al., 2016), hipoglicemiante (DEY et al., 2014), anti-histamínico (ANDHARE et al., 2012) e analgésico (SUNILSON et al., 2009).

No contexto litúrgico os entrevistados citaram a espada-de-Ogum para uso nos banhos de descarrego, na composição dos defumadores, no ritual do amaci, e cultivada em vasos e canteiros como elemento de proteção contra energias negativas (FARELLI, 2010; SARACENI, 2015).

**Fumo - *Nicotiana tabacum* L.**

Planta herbácea, anual ou bienal, de caule ereto, não ramificado, que pode alcançar 2 m de altura. Suas folhas são largas, membranáceas, de coloração verde-clara, com odor característico e sabor amargo, medindo até 50 cm de comprimento. Suas flores são pequenas, de formato tubuloso, de coloração que varia do róseo ao vermelho carmim, reunidas em panículas (LORENZI; MATOS, 2008).

É originário da América Tropical / Central, pertencente à família Solanaceae, e muito cultivada em quase todos os países. O tabaco é constituído das folhas desta espécie e de suas variedades fermentadas e secas por processo especial (CAMARGO, 1998). Em todas as partes da planta ocorre uma mistura de alcalóides na qual predomina a nicotina, que se encontra combinada principalmente com os ácidos málico e cítrico. Quando estão verdes, as folhas são ricas em proteínas, açúcares, ácidos orgânicos e taninos, enquanto as sementes contêm ácidos graxos, açúcares, proteínas, triglicerídeos, esteróis tanto livres como esterificados e glicosilados, sendo os nicotianosídios os mais citados (LORENZI; MATOS, 2008). Não foi citado pelos entrevistados nenhum uso medicinal para o fumo, entretanto estudos realizados comprovaram algumas de suas propriedades, como: anti-helmíntica (MALI; MEHTA, 2008; BAHMANI et al., 2014), antioxidante (RU et al., 2012), antimicrobiana (BAKHT et al., 2012) e antinociceptiva (EZEJA; OMEH, 2010). Entretanto, seus usos devem ser analisados com cautela devido a sua toxicidade. Entre os efeitos prejudiciais do fumo estão sua capacidade de favorecer o desenvolvimento de tumores malignos e fibrose pulmonar (LORENZI; MATOS, 2008).

No contexto litúrgico os entrevistados citaram o fumo como elemento essencial nos rituais, utilizado principalmente através dos charutos ou cigarros que são acesos durante os trabalhos, e através da fumaça promovem a dissolução de larvas astrais, além de atuar equilibrando energeticamente o ambiente.

**Guiné - *Petiveria alliaceae* L.**

Herbácea ereta, perene, com leve aroma de alho, que pode alcançar 1 m de altura. Suas folhas são membranosas, agudas no ápice e estreitas na base, sua coloração varia em tons de verde-claro a escuro. As suas flores são pequenas, de coloração amarela, reunidas em longas inflorescências axilares e terminais.

É originária da América Tropical / Central, pertencente à família Petiveriaceae, amplamente cultivada em hortas e jardins domésticos de todas as regiões tropicais do Brasil com fins ornamentais, místicos e

medicinais, principalmente nas regiões com forte influência das religiões afro-brasileiras (CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008).

Estudos fitoquímicos e farmacológicos mostraram que esta planta contém na sua composição cumarinas, saponinas, flavonóides, taninos, principalmente os sulfetos orgânicos, trissulfeto de dialila, benziltiol e outros análogos, responsáveis por suas ações e pelo odor característico (PANIZZA, 1998; CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008; ALMEIDA, 2011). O entrevistados não citaram usos medicinais para o guiné, entretanto estudos realizados com *P. alliaceae* revelaram potenciais terapêuticos como: hipoglicemiante (CAMARGO, 2007; CHRISTIE; LEVI, 2013; MOHAN et al., 2014), anti-inflamatória (GERMANO et al., 1995; MARTINS et al., 2002), anti-viral (LOWE et al., 2015), antinociceptiva (LIMA et al., 1991; GOMES et al., 2005; LUZ et al., 2016), antifúngica (BENEVIDES et al., 2001; KIM et al., 2006; ZARAGOZI et al., 2014), ansiolítica (BLAINSKI, et al., 2010; LUZ et al., 2016), antioxidante (OKADA et al., 2008), antibacteriana (KIM et al., 2006) e mnemônica (SILVA et al., 2015).

No contexto litúrgico os entrevistados citaram usos principalmente nos banhos de descarrego, na composição dos defumadores, no ritual do amaci, e cultivado em vasos e canteiros como elemento de proteção contra energias negativas.

### **Hortelã - *Mentha x villosa* Huds.**

Herbácea perene, ereta, aromática, que pode alcançar de 30 a 40 cm de altura, híbrida originada do cruzamento de *Mentha spicata* x *Mentha suaveolens*, suas folhas são ovais, arredondadas e flores brancas reunidas em inflorescências terminais (LORENZI; MATOS, 2008).

É originária da região Mediterrânea, pertencente à família botânica Lamiaceae, sendo muito cultivada como planta medicinal em quintais de vários lugares do mundo (CAMARGO, 2014). As suas folhas e inflorescências são ricas em óleos essenciais ricos em monoterpenos como mentol, mentona, carvona, linalol e acetato de linalina que constituem os principais componentes químicos (MATOS et al., 1999; GARLET, 2007, LORENZI; MATOS, 2008). No contexto medicinal, os entrevistados citaram o chá da hortelã para combate a distúrbios gastrintestinais e como calmante. Estudos realizados com espécies do gênero *Mentha* têm demonstrado variados potenciais terapêuticos, como: antinociceptivo (SOUSA et al., 2009; TAHER, 2012), antioxidante (DORMAN et al., 2003; RIAHI et al., 2013; SITZMANN et al., 2014), anti-parasitário (NASCIMENTO et al., 2008; MACEDO et al., 2012; FONSECA et al., 2013) e anti-espasmódica (FOGAÇA et al., 1997; SOUSA et al., 2010).

No contexto litúrgico os entrevistados citaram usos da Hortelã nos banhos com finalidade de harmonização energética, na composição dos defumadores e no ritual do amaci.

### **Lança-de-Ogum - *Sansevieria cylindrica* Bojer**

Planta herbácea, perene, rizomatosa, ornamental, que pode alcançar até 1 m de altura. Suas folhas crescem em formato de leque, são cilíndricas, eretas, rígidas e lisas, de consistência suculenta e coloração verde-claro com manchas transversais em tons mais escuros de verde. Suas flores são tubulares, de cor branca-rosada, muito aromáticas, dispostas em inflorescências longas que surgem da base da planta (LORENZI; SOUZA, 2008).

É originária da África, pertencente à família Asparagaceae, bem adaptada a diversas condições climáticas e de solo. Devido a sua rusticidade e beleza, é amplamente utilizada como planta ornamental compondo jardins e vasos em vários lugares do mundo (LORENZI; SOUZA, 2008).

O extrato de *S. cylindrica* possui esteróis, carboidratos e/ou glicosídeos, flavonóides, cumarinas e saponinas (ANTUNES et al., 2003; SAID et al., 2015). Não foram citadas pelos entrevistados indicações de uso medicinal para a lança-de-Ogum, entretanto estudos realizados indicaram propriedades terapêuticas de compostos bioativos presentes em algumas espécies do gênero *Sansevieria*, como: antioxidante e antimutagênico (KARAMOVA et al., 2016), analgésica, antiinflamatória e hepatoprotetora (SAID et al., 2015).

No contexto litúrgico foi citada pelos entrevistados para uso cultivada em vasos e canteiros como elemento de proteção contra energias negativas.

### **Lavanda – *Lavandula dentata* L.**

Planta herbácea, ornamental, aromática, perene, que pode alcançar 80 cm de altura. Suas folhas são pequenas, apresentam coloração verde-acinzentadas, bordas dentadas e perfume peculiar. As suas flores têm coloração azul-lilás e localizam-se reunidas em inflorescências terminais (LORENZI; MATOS, 2008).

É originária da região Mediterrânea, pertencente à família Lamiaceae, amplamente cultivada em diversos países, pelo efeito ornamental e para extração do seu óleo essencial usado em perfumaria.

A sua composição fitoquímica apresenta óleo essencial constituído de cariofileno, cineol, linalol, pineno, limoneno, cânfora (GAMÉS et al., 1990; LORENZI; MATOS, 2008; IMELOUANE et al., 2009). Os entrevistados não citaram uso medicinal para a lavanda, entretanto estudos

atribuem diferentes propriedades terapêuticas ao seu óleo essencial, como: antiinflamatória (ALGIERI et al., 2016), antimicrobiana (IMELOUANE et al., 2009; BENELAIDE et al., 2014) e analgésica (NAJAFI et al., 2016).

No contexto litúrgico os entrevistados citaram usos nos banhos de descarrego, na composição dos defumadores e no ritual do amaci.

### **Manjeriço – *Ocimum basilicum* L.**

Subarbusto anual, aromático, ereto, muito ramificado, que pode alcançar de 30 a 50 cm de altura. Suas folhas são simples, com margens onduladas, de 4 a 7 cm de comprimento, coloração que varia tons de verde-claro a escuro, e odor peculiar. As flores são brancas, reunidas em racemos terminais (LORENZI; MATOS, 2008).

É nativo da região Indiana, pertencente à família Lamiaceae, amplamente cultivada no Brasil e em vários lugares do mundo, principalmente para uso na culinária, além dos usos como ornamental e medicinal (CAMARGO, 2014). A planta possui taninos, flavonóides, saponinas, cânfora e no óleo essencial estão presentes timol, metil-chavicol, linalol, eugenol, cariofileno, cineol, guaieno e pireno (CAMARGO, 1998; LORENZI; MATOS, 2008). Os entrevistados citaram o uso medicinal do manjeriço no combate à bronquite, sob a forma de xarope ou chá feito com as folhas. Estudos realizados com *O. basilicum* têm demonstrado atividades terapêuticas como: antioxidante (JAYASINGHE et al., 2003; KWEE; NIEMEYER, 2011; KIENDEBREGO et al., 2011), antimicrobiana (HUSSAIN et al., 2008; KAYA et al., 2008; ISOPENCU; FERDES, 2012), antidepressiva (ABDOLY et al., 2012; TEWARI et al., 2015), analgésica (MIN et al., 2009; VENÂNCIO et al., 2011), hepatoprotetora (YACOUT et al., 2012; TOLEDO et al., 2014) vaso e broncodilatador (JANBAZ et al., 2014).

No contexto litúrgico foram citados pelos entrevistados usos principalmente sob a forma de banhos para equilíbrio energético, na composição dos defumadores, no ritual do amaci, na feitura de santo e nas oferendas.

### **Pimenta-malagueta - *Capsicum frutescens* L.**

Subarbusto perene, esparsamente ramificado, que pode alcançar até 1,8 m de altura. Suas folhas são verdes, simples, inteiras, de formato oval-acuminadas e glabras. As flores são pequenas, de coloração branca, solitárias e numerosas. Os seus frutos são pequenos, podem medir até 3 cm de comprimento por até 0,5 cm de diâmetro, em forma de baga carnosa, levemente alongados e de coloração vermelha brilhante, com numerosas

sementes que concentram grandes níveis de capsaicina, o princípio ativo que confere às pimentas o ativo picante (LORENZI; MATOS, 2008).

Originária da região entre o Sul Mexicano e a América Central, pertencente à família das Solanaceae. A pimenta-malagueta está amplamente distribuída por quintais e canteiros de todo o Brasil e em todos os países tropicais. A popularidade das pimentas está relacionada principalmente pelo atributo culinário como condimento, intensamente difundido na cultura alimentar de muitos países (ROMAN et al., 2011).

Os frutos apresentam dois componentes principais: a capsaicina e a diidrocapsaicina, acompanhadas de outros capsaicinóides, além de carotenóides, flavonóides e óleo volátil com capsiamida (LORENZI; MATOS, 2008; NASCIMENTO et al., 2014). Os entrevistados indicaram o uso da pimenta-malagueta de forma medicinal como antiinflamatório, antioxidante, afrodisíaco, estimulante, e no combate a artrites e reumatismo. Estudos realizados com o *C. frutescens* L. indicam propriedades terapêuticas como: antimicrobiano (KOFFI-NEVRY et al., 2012; HEMALATHA; DHASARATHAN, 2013; BELLO et al., 2015), antioxidante (KHAN et al., 2014; GURNANI et al., 2016), antiinflamatório (JOLAYEMI; OJEWOLE, 2013; OMAR et al., 2013), analgésico (JOLAYEMI; OJEWOLE, 2014; HORVÁTH et al., 2014) e anti-helmíntico (KAMAL et al., 2015).

No contexto litúrgico foram citados pelos entrevistados usos sob a forma de banho em alguns casos específicos, nas oferendas e cultivada em vasos e canteiros.

### **Pimenta dedo-de-moça - *Capsicum baccatum* L.**

Subarbusto perene, esparsamente ramificado, que pode alcançar até 1,8 m de altura. Suas folhas são verdes, simples, inteiras, de formato oval-acuminadas e glabras. As flores são pequenas, solitárias e numerosas, de coloração branca, e sempre apresentam um par de manchas amareladas ou esverdeadas na base de cada lobo das pétalas. Os seus frutos são pequenos, podem medir até 3 cm de comprimento por até 0,5 cm de diâmetro, em forma de baga carnosa, levemente alongados, de coloração verde quando imaturos, e vermelha brilhante ou amarela quando maduros, com numerosas sementes que concentram capsaicina, o princípio ativo que confere às pimentas o ativo pungente (LORENZI; MATOS, 2008; BORTOLIN et al., 2016).

Possui características semelhantes a *C. frutescens* quanto à origem e composição fitoquímica. Os entrevistados indicaram o uso da pimenta dedo-de-moça de forma medicinal como antiinflamatório, antioxidante, afrodisíaco, estimulante, e no combate a artrites e reumatismo. Estudos realizados com *C. baccatum* indicam propriedades com potencial

terapêutico, como: antiinflamatório (ZIMMER et al., 2012; ALLEMAND et al., 2016), antioxidante (CARVALHO et al., 2015a; JORGE et al., 2016), antimicrobiano (KAPPEL et al., 2008; BARD et al., 2014), analgésico (HORVÁTH et al., 2014).

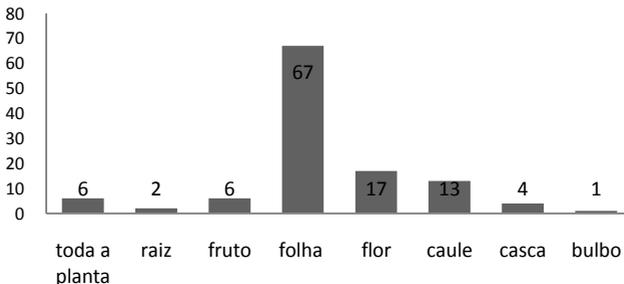
No contexto litúrgico foram citados pelos entrevistados usos sob a forma de banhos em alguns casos específicos, nas oferendas e cultivadas em vasos e canteiros.

#### 4.4 FORMAS DE OBTENÇÃO, PARTES UTILIZADAS, ORIGEM E APRENDIZADO

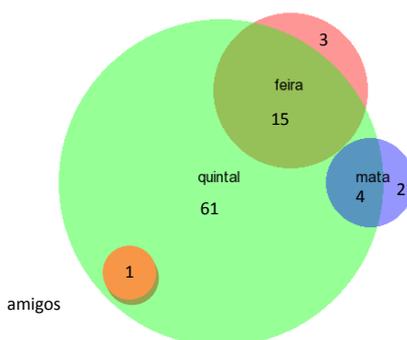
Em relação à forma de obtenção das plantas terapêuticas, a maioria é cultivada nos próprios quintais dos terreiros. As espécies que não são cultivadas no quintal são compradas em feiras livres, retiradas na mata ou são obtidas através de amigos (Fig.7b). Como consequência da pressão exercida pelo processo de expansão urbana, os terreiros passaram a ocupar terrenos cada vez menores e com áreas de mata reduzida. Dessa forma, os quintais representam um espaço de grande importância para o resgate cultural e a manutenção das práticas religiosas desses grupos que se utilizam e necessitam do contato com a natureza, atuando como fonte de recursos e contribuindo para a diversidade ecológica e a sustentabilidade (ALCORN, 1990; PERONI et al., 2016).

As partes vegetais mais utilizadas são as folhas (78%), as flores (20%) e o caule (15%) (Fig. 07a). Quanto à frequência de uso, das 86 espécies citadas, 47 delas são utilizadas sempre (55%), 38 são utilizadas às vezes (44%) e apenas 1 é utilizada raramente (1%).

a)



b)

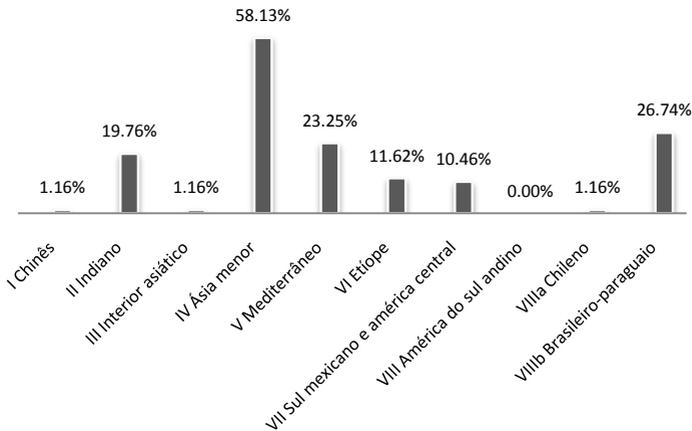


**Fig.07 a)** Partes das plantas utilizadas em relação às 86 espécies citadas pelos entrevistados. **b)** Diagrama de Venn representando o número de espécies citadas pelos entrevistados de acordo com o local de obtenção. Fonte: autor.

Em relação à origem biogeográfica das espécies vegetais citadas, 58% são originárias da Ásia Menor, 27% são originárias da região do território Brasileiro-Paraguaio, 23% da região Mediterrânea, 20% da região Indiana, seguidas das regiões Etíope com 12% e da região do Sul Mexicano e América central com 11% (Fig.08). As demais regiões tiveram uma incidência pouco representativa. O elevado número de plantas provenientes das regiões Mediterrânea e da Ásia Menor está relacionado à diversidade de espécies que foram introduzidas pelos colonizadores na flora brasileira, e que foram incorporadas pelos africanos como sucedâneas às práticas médicas e ritualísticas no novo continente (ALBUQUERQUE, 2001).

Dessa forma, pode-se observar que o processo de construção da identidade cultural desses grupos religiosos afro-brasileiros, envolveu a participação e contribuição de muitas culturas, em grandes processos de apropriação, importação e exportação de espécies (CARNEY; VOEKS, 2003; CAMARGO, 2014). Os baixos valores observados de espécies provenientes da região Etíope podem parecer contraditórios por se tratarem de religiões afro-brasileiras, porém tal fato pode estar relacionado à dificuldade que os escravos tinham de trazer as plantas das suas terras de origem dentro dos navios negreiros, como já foi discutido por Voeks (1993; 1997) , Carvalho e Carvalho (2012) e Matory (2005). Voeks (1993) verificou que o conhecimento sobre o uso das plantas, quer tenha se

desenvolvido pela assimilação do conhecimento indígena ou pela experimentação empírica, refletiu em farmacopéias de plantas afro-americanas atuais numericamente dominadas por táxons do Novo Mundo.



**Fig.08** Origem biogeográfica das 86 plantas terapêuticas utilizadas em religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina. Fonte: autor.

Em relação à procedência do conhecimento etnobotânico, para 53% das plantas citadas o conhecimento sobre os seus usos foram adquiridos com a família e religião.

Todos os entrevistados responderam que as plantas representam elemento básico fundamental na realidade das religiões afro-brasileiras, sem as quais não seria possível a realização dos trabalhos, pois as plantas são detentoras do axé, energia primordial acessada nos rituais. Camargo (2006) registrou a importância das plantas nas religiões afro-brasileiras, atuando como elo de comunicação entre os seres humanos e o sobrenatural. A íntima relação com a natureza e a importância simbólica dos seus elementos na manutenção das tradições religiosas de origem e influência africana, foram evidenciadas por Neto e Alves (2010) e Silva (2014). Em relação à forma como é repassado o conhecimento a respeito do uso das plantas, observamos que transmissão do conhecimento ocorre essencialmente de forma oral e empírica, sendo que em alguns terreiros de Umbanda foi registrada, ainda, a realização de oficinas internas com os filhos-de-santo, e

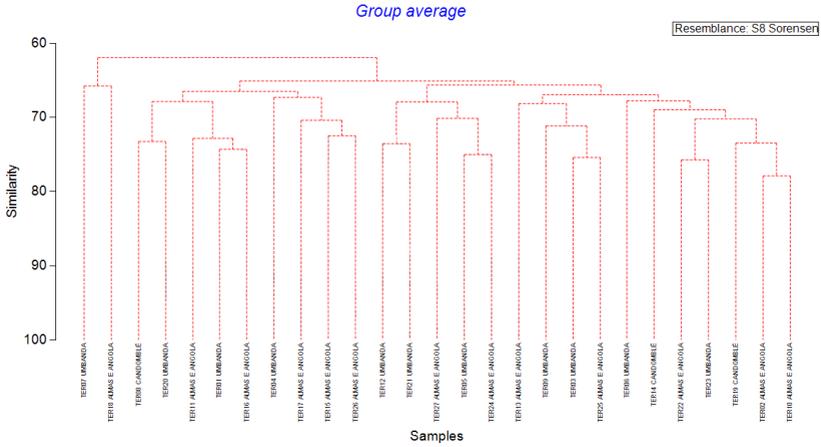
a confecção de apostilas com material informativo. Alguns entrevistados afirmaram já terem aprendido a respeito do uso de muitas plantas, mas que em meio a tantas espécies, e ao longo de tantos anos, já se esqueceram de algumas.

#### 4.5 O USO DE PLANTAS NAS DIFERENTES PRÁTICAS RELIGIOSAS

A média de plantas citadas por entrevistado foi de 35,59 espécies (desvio padrão = 3,58). Não houve diferença significativa entre as médias de plantas citadas por grupo religioso (ANOVA  $p = 0,9169$ ).

Uma matriz de presença e ausência foi utilizada para facilitar a análise da similaridade entre os três grupos religiosos em relação às plantas que foram citadas (ANEXO 5). Das 86 espécies vegetais citadas, 56 delas são compartilhadas pelos 3 grupos, 20 são compartilhadas por Ritual de Almas e Angola e Umbanda, 1 espécie é compartilhada por Candomblé e Umbanda, 2 espécies são exclusivas de Ritual de Almas e Angola, 1 exclusiva de Candomblé e 6 exclusivas de Umbanda. Há uma similaridade de 89 % entre os grupos Almas e Angola e Umbanda, 70% entre os grupos Almas e Angola e Candomblé, e 68% entre os grupos Candomblé e Umbanda. O número mais elevado de espécies compartilhadas entre Ritual de Almas e Angola e Umbanda pode estar relacionado ao menor tamanho amostral dos terreiros de Candomblé. As espécies exclusivas podem refletir costumes e tradições internas diferenciadas entre os grupos, como práticas específicas de iniciação, oferendas e obrigações.

Não há diferença significativa do conhecimento sobre as plantas entre os grupos, pois eles compartilham um grande número de espécies (Fig.04).



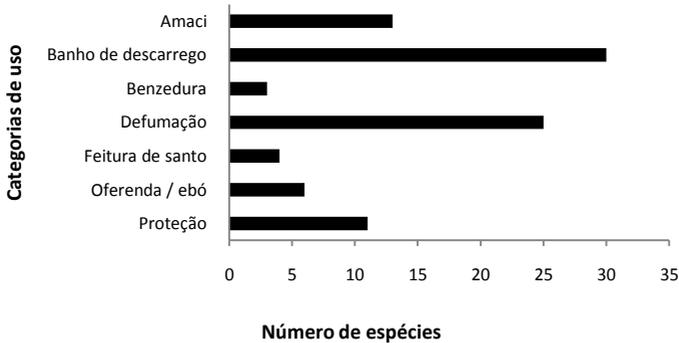
**Fig.04** Análise de agrupamento dos 27 entrevistados pertencentes ao Candomblé, Umbanda e Ritual de Almas e Angola, de acordo com a presença e ausência de espécies de plantas citadas (n=86), calculados através de SIMPROF. Fonte: autor.

Em relação aos usos terapêuticos, foram identificadas 15 categorias de uso (Fig.05). Foram incluídas as categorias "outros" para as enfermidades que não estavam enquadradas nesta classificação, e a categoria genérica "tudo", para as plantas que foram citadas para tratar qualquer tipo de enfermidade. Considerou-se como uso ritualístico as plantas utilizadas no amaci, banho de descarrego, benzedura, defumação, feitura de santo (iniciação), oferendas e proteção. As principais categorias de uso registradas foram: uso ritualístico (50 espécies), doenças do aparelho digestivo (22 espécies), tudo (20 espécies), doenças infecciosas e parasitárias (16 espécies), e doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (15 espécies). O grande número de espécies indicadas para uso ritualístico está relacionado à natureza mágico-religiosa dos três grupos estudados. Em estudo etnobotânico realizado por Albuquerque e Chiapetta (1994) e Gomes et al. (2008) sobre o uso de plantas em rituais afro-brasileiros, também foi evidenciado uma maior utilização de plantas terapêuticas num contexto litúrgico, que podem estar relacionada à natureza mística na qual as religiões afro-brasileiras estão inseridas.



**Fig.05** Nº de espécies de plantas citadas por 27 entrevistados em relação à sua categoria de uso terapêutico. Fonte: autor.

Das espécies citadas, 41% são de uso exclusivamente medicinal, 33% são indicadas para uso litúrgico e 26% das espécies são utilizadas num contexto litúrgico e medicinal, reforçando a discussão sobre Batisde (1978) de que plantas litúrgicas e medicinais são sempre diferentes. Dentro do contexto de uso litúrgico, as indicações mais citadas foram: banho de descarrego (35%), defumação (29%), e amaci (15%) (Fig.06). Os banhos de descarrego também foram registrados como as maiores indicações de uso litúrgico em estudos semelhantes realizado por PIRES et al. (2009); GOMES et al. (2008) e CARVALHO et al. (2015b). Dentre as espécies citadas para uso medicinal, as formas de uso mais indicadas foram chá (54%) e anti-séptico (7%).



**Fig.06** Nº de espécies citadas pelos 27 entrevistados em relação às categorias de uso litúrgico das plantas terapêuticas. Fonte: autor.

Nas religiões afro-brasileiras o conceito de saúde e doença envolve a ação dos mundos físico e espiritual (ALBUQUERQUE, 2001; CAMARGO, 2014). O ritual de Almas e Angola, a Umbanda e o Candomblé são religiões fundamentalmente espíritas, que realizam seus cultos sob a luz de entidades espirituais que guiam os trabalhos, e se utilizam muitas vezes de procedimentos ritualísticos para curar os que necessitam (PRANDI, 2005; SARACENI, 2015).

## 5. CONCLUSÕES

A partir do levantamento dos saberes e usos das plantas terapêuticas nos terreiros de Candomblé, Umbanda e Ritual de Almas e Angola na Ilha de Santa Catarina, foi possível notar a importância destes recursos na manutenção dessas práticas religiosas. Tratam-se de religiões com uma essência devocional ligada aos elementos da natureza e todas as suas formas de expressão, e por isso estabeleceram uma relação íntima de respeito e convívio com as plantas, utilizando-as em contextos litúrgicos e medicinais.

Mais da metade das plantas são utilizadas pelos três grupos religiosos, o que demonstra que grande parte do conhecimento a respeito do uso das mesmas é compartilhado, apesar de existirem diferenças ritualísticas e filosóficas. Foram identificadas diferentes categorias de uso litúrgico, como os banhos de descarrego, defumadores, amuletos de proteção, no amaci, nas oferendas, além de usos medicinais, na forma de chás, anti-sépticos, tinturas, e xarope.

Os entrevistados em unanimidade revelaram que sem a presença das plantas seria impossível a existência dessas religiões e suas práticas

ritualísticas, destacando assim a importância dos quintais nos centros urbanos. Nas religiões de origem e influência africana, o território representa muito mais do que apenas o espaço que serve como fonte de recursos e abriga uma simbologia de relação com a natureza, mas principalmente uma ligação direta com a construção e manutenção de uma identidade. Identidades que são reconstruídas nas manifestações ligadas à religião, culinária, música, vestuário, e todas as formas de expressão, que resgatam valores dos seus ancestrais e atuam como ferramentas de resistência cultural.

A transmissão do conhecimento se dá essencialmente de forma oral, com poucas exceções, podendo estar sujeito ao esquecimento pelo pouco uso ao longo dos anos, como afirmaram alguns entrevistados, que conheciam bastante a respeito das plantas, mas que ao longo de tantos anos e em meio a tantas espécies, algumas foram esquecidas. A etnobotânica contribui para estabelecer um elo entre as pessoas e os recursos vegetais, auxiliando a contar parte da história que envolve essa relação, e principalmente como ferramenta de resgate, conservação e valorização das práticas terapêuticas tradicionais.

Por fim, é importante mencionar o estigma social e marginalização sofridos pelas religiões de origem e influência africana até os dias atuais. Seus adeptos e entusiastas ainda demonstram desconfiança ao se expor publicamente, e apesar de tantos anos passados após o seu surgimento na Ilha de Santa Catarina, ainda existem relatos de perseguição e intolerância religiosa. Trata-se de um panorama vivido em todo o país, mais acentuadamente na região Sul, que concentra a menor porcentagem de afrodescendentes do país quando comparada a outras regiões brasileiras.

## 5.1 DEVOLUTIVAS

Levando em consideração a oralidade da transmissão do conhecimento e com o objetivo de criar uma memória escrita que contribua para o resgate e valorização das práticas terapêuticas tradicionais afro-brasileiras, será confeccionada uma cartilha informativa, com nomes populares, partes utilizadas e indicações de uso, que será distribuída a todos os terreiros que participaram da pesquisa.

## 6. REFERÊNCIAS

ABDELHALIM, A.; KARIM, N.; CHEBIB, M.; ABURJAI, T.; KHAN, I.; GRAHAM; JOHNSTON, A.R.; HANRAHAN, J.R. Antidepressant, anxiolytic and antinociceptive activities of constituents from *Rosmarinus officinalis*. **Journal of Pharmacy & Pharmaceutical Sciences**, v. 18, n. 4, p. 448-459, 2015.

ABDOLY, M.; FARNAM, A.; FATHIAZAD, F.; KHAKI, A.; KHAKI, A.A.; IBRAHIMI, A.; AFSHARI, F.; RASTGAR, H. Antidepressant-like activities of *Ocimum basilicum* (sweet basil) in the forced swimming test of rats exposed to electromagnetic field (EMF). **African Journal of Pharmacy and Pharmacology**, vol. 6, n. 3, p. 211-215, 2012.

AHMADI, B.B.; BAHMANI, M.; ZARGARAN, A.; EFTEKHARI, Z.; SAKI, K.; AHMADI, S.B.; KOPAEI, M.R. *Ruta graveolens* plant: A plant with a range of high therapeutic effect called cardiac plant. **Der Pharmacia Lettre**, v. 7, n. 11, p. 172-173, 2015.

ALASBAHI, R.H.; MELZIG, M.F. *Plectranthus barbatus*: a Review of Phytochemistry, Ethnobotanical Uses and Pharmacology - Part 1. **Journal of Medicinal Plant and Natural Product Research**, v. 76, n. 7, p. 653-661, 2010.

ALBUQUERQUE, M.M.; REIS, A.C.F.; CARVALHO, C.D. **Atlas histórico escolar**. 8 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

ALBUQUERQUE, U.P. The Use of Medicinal Plants by the Cultural Descendants of African People in Brazil. **Acta Farmaceutica Bonaerense**, v. 20, n. 2, p. 139-44, 2001.

\_\_\_\_\_, U.P. A little bit of Africa in Brazil: ethnobiology experiences in the field of Afro-Brazilian religions. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 12, p. 1-7, 2014.

\_\_\_\_\_, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; MARINS, J.F.A. **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P.; CHIAPPETA, A.A. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Revista Ciência e Trópico**, v. 22, n. 2 p.197-210, 1994.

ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16(Supl.), p. 678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos e Técnicas nas Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010.

ALCORN, J.B. **Indigenous agroforestry strategies meeting farmer's needs**. In: Anderson AB (ed) *Alternatives to Deforestation: steps toward sustainable use of Amazon rainforest*. Columbia University Press, New York, pp. 141-148, 1990.

ALGIERI, F.; NOGALES, A.R.; VEZZA, T.; MESA, J.G.; MESA, N.G.; UTRILLA, M.P.; TEJERO, M.R.G.; PORCEL, M.C.; MESA, J.M.; CONTRERAS, M.M.; CARRETERO, A.S.; PALACIO, J.P.; DIAZ, C.; VERGARA, N.; VICENTE, F.; CABEZAS, M.E.R.; GALVEZ, J. Anti-inflammatory activity of hydroalcoholic extracts of *Lavandula dentata* L. e *Lavandula stoechas* L. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 190, p. 142-158, 2016.

ALLEMAND, A.; LEONARDI, B.F.; ZIMMER, A.R.; MORENO, S.; ROMÃO, P.R.T.; GOSMANN, G. Red pepper (*Capsicum baccatum*) extracts present anti-inflammatory effects in vivo and inhibit the production of TNF -a and NO in vitro. **Journal of Medicinal Food**, v. 19, n. 8, p. 759-767, 2016.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3ª ed. Salvador (BA): EDUFBA, 2011.

AMOROZO, M. C .M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais**. In: DI STATSI, L.C. (Org.). *Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP. p. 47-68. 1996.

AMOROZO, M. C. M. & GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1998.

ANDEL, T.R.V.; KLOOSTER, C.I.E.A.V.; QUIROZ, D.; TOWNS, A.M.; RUYSSCHAERT, S.; BERG, M.V.D. Local plant names reveal that enslaved Africans recognized substantial parts of the New World flora. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 111, n. 50, 2014.

ANDHARE, R.N.; RAUT, M.K.; NAIK, S.R. Evaluation of anti-allergic and anti-anaphylactic activity of ethanolic extract of *Sansevieria trifasciata*

leaves (EEST) in rodents. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 142, n. 3, p. 627-633, 2012.

ANGELO, G.; LORENA, C.; MARTA, G.; ANTONELLA, C. Biochemical composition and antioxidant properties of *Lavandula angustifolia* Miller essential oil are shielded by propolis against uv radiations. **Photochemistry and Photobiology**, v. 90, n. 5, 2014.

ANTUNES, A.S.; SILVA, B.P.; PARENTE, J.P.; VALENTE, A.P. A new bioactive steroidal saponin from *Sansevieria cylindrica*. **Phytoterapy Research**, v. 17, n. 2, p. 179-182, 2003.

ASGARPANAH, J.; KHOSHKAM, R. Phytochemistry and pharmacological properties of *Ruta graveolens* L. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 6, n. 23, p. 3942-3949, 2012.

AYOB, Z.; BOHARI, S.P.M.; SAMAD, A.A.; JAMIL, S. Cytotoxic activities against breast cancer cells of local *Justicia gendarussa* crude extracts. **Evidence-Based, Complementary and Alternative Medicine**, v. 2014, 12 págs., 2014.

AYRES, M. **BioEstat 3.0**: aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas. 291 pp. Sociedade Civil Mamirauá, 2003.

BAHMANI, M.; KOPAEI, M.R.; HASSANZADAZAR, H.; SAKI, K.; KARAMATI, S.A.; DELFAN, B. A review on most important herbal and synthetic antihelmintic drugs. **Asian Pacific Journal of Tropical Medicine**, v. 7, p. 29-33, 2014.

BAKSHSA, F.; MAZANDARANI, M.; ARYAEI, M.; JAFARI, S.Y.; BAYATE, H. Phytochemical and anti-oxidant activity of *Lavandula angustifolia* Mill. essential oil on preoperative anxiety in patients undergoing diagnostic curettage. **International Journal of Women's Health and Reproduction Sciences**, v. 2, n. 4, p.268-271, 2014.

BAKHT, J.; AZRA, S.M. Antimicrobial activity of *Nicotiana tabacum* using different solvents extracts. **Pakistan Journal of Botany**, v. 44, p. 459-463, 2012.

BARD, G.C.V.; NASCIMENTO, V.V.; OLIVEIRA, A.E.A.; RODRIGUES, R.; CUNHA, M.; DIAS, G.B.; VASCONCELOS, I.M.; CARVALHO, A.O.; GOMES, V.M. Vicilin-like peptides from *Capsicum baccatum* L. seeds are a-amylase inhibitors and exhibit antifungal activity

against important yeasts in medical mycology. **Peptide Science**, v. 102, n. 4, p. 335-343, 2014.

BARROS, J.F.P. **A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

BATISDE, R. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

BEGOSSI, A. Ecologia humana: Um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência**, v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y. Medicinal plants and the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use and conservation. **Human Ecology**, v. 30, n. 3, p. 281-299, 2002.

BELLO, I.; BOBOYE, B.E.; AKINYOSOYE, F.A. Phytochemical screening and antibacterial properties of selected Nigerian long pepper (*Capsicum frutescens*) fruits. **African Journal of Microbiology Research**, V. 9, n. 38, p. 2067-2078, 2015.

BENELAIDE, F.; KHADIR, A.; ABDOUNE, M.A.; BENDAHO, M.; MUSELLI, A.; COSTA, J. Antimicrobial activity of some essential oils against oral multi-drug resistant *Enterococcus faecalis* in both planktonic and biofilm state. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, v. 4, n. 6, p. 463-472, 2014.

BENEVIDES, P.J.C.; YOUNG, M.C.M.; GIESBRECHT, A.M.; ROQUE, N.F.; BOLZANI, V.S. Antifungal polysulphides from *Petiverria alliaceae* L. **Phytochemistry**, v. 57, n. 5, p. 743-747, 2001.

BENNETT, B.C; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.

BLAINSKI, A.; PICCOLO, V.K.; MELLO, J.C.P.; OLIVEIRA, R.M.W. Dual effects of crude extracts obtained from *Petiveria alliaceae* L. (Phytolaccaceae) on experimental anxiety mice. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 128, n 2, p. 541-544, 2010.

BORTOLIN, R.C.; CAREGNATO, F.F.; JUNIOR, A.M.D.; ZANOTTO-FILHO, A.; MORSECO, K.S.; RIOS, A.O.; SALVI, A.O.; ORTMANN, C.F.; CARVALHO, P.; REGINATTO, F.H.; GELAIN, D.P.; MOREIRA,

J,C.F. Chronic ozone exposure alters the secondary metabolite profile, antioxidant potential, anti-inflammatory property, and quality of red pepper fruit from *Capsicum baccatum*. **Ecotoxicology and Environmental Safety**, v. 129, p. 16-24, 2016.

BRESOLIN, A. Flora da restinga da Ilha de Santa Catarina. **INSULA Revista de Botânica**, v. 10, p. 3-54, 1979.

BRUNING, M. C. R.; MOSEGUI, G. B. G.; VIANNA, C. M. M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu - Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2675-2685, 2012 .

CAMARGO, M.T.L.A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.

\_\_\_\_\_, M.T.L.A. Contribuição etnofarmacobotânica ao estudo de *Petiveria alliaceae* L. - Phytolaccaceae - ("amansa-senhor") e a atividade hipoglicemiante relacionada a transtornos mentais. **Dominguezia**, v. 23, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_, M.T.L.A. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 15, n. 16, p. 395-410, 2006.

\_\_\_\_\_, M.T.L.A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo: Editora Ícone, 1998.

CARDOSO, F.H. Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000.

CARNEY, J.A.; VOEKS, R.A. Landscape Legacies of the African diáspora in Brazil. **Progress in Human Geography**, v. 27, n. 1, p. 68–81, 2003.

CARUSO, M.M.L. **O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

CARVALHO, A.V.; MATTIETTO, R.A.; RIOS, A.O.; MACIEL, R.A.; MORESCO, K.S.; OLIVEIRA, T.C.S. Bioactive compounds and antioxidant activity of pepper (*Capsicum* sp.) genotypes. **Journal of Food Science and Technology**, v. 52, n. 11, p. 7457-7464, 2015a.

CARVALHO, M.R.; CARVALHO, A.M. **Índios e caboclos: a história recontada**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CARVALHO, P.A.; BARROS, V.M.S.; ZONTA, P.L.; SOUZA, H.N. Manutenção da tradição e do conhecimento sobre plantas medicinais em terreiros de Umbanda e Candomblé na Zona da Mata de Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015b.

CHOUDARY, M.; KUMAR, V.; MALHOTRA, H.; SINGH, S. *Medicinal plants with potential anti-arthritic activity*. Journal of Intercultural Ethnopharmacology, vol.4, n2, p. 147-179, 2015.

CHRISTIE, S.L.; LEVY, A. Evaluation of the hypoglycaemic activity of *Petiveria alliaceae* (Guinea Hen Weed) extracts in normoglycaemic and diabetic rat models. **West Indian Medical Journal**, v. 62, n. 8, 2013.

CLARKE, K.R.; GORLEY, R.N. **PRIMER v7: User manual/tutorial** . PRIMER-E, Plymouth, 296 pp., 2015.

CLEMENT, C.R. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. **Economic Botany**, v. 53, n. 2, p. 188-202, 1999.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro** - Região Sul. Brasília: MMA, 2011.

CORRÊA, A.D.; BATISTA, R.S.; QUINTAS, L.E.M. **Plantas medicinais - do cultivo à terapêutica**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORRÊA, C.H. **A realidade catarinense no século XX**. Florianópolis: Instituto histórico e geográfico de Santa Catarina, 2000.

COSSARD, G.O. **Awô, o mistério dos Orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

CUMINO, A. **Umbanda não é macumba: umbanda é religião e tem fundamento**. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2015.

CUNHA, M.R.; MELO, T.S.; MAGRI, F.M.M.; DELORENZI, J.C. Analgesic activity of *Ruta graveolens* L. (Rue) extracts. **African Journal of Pharmacy and Pharmacology**, v. 9, n. 1, p.1-5, 2015.

DER MARDEROSIAN, A.H.; GILLER, F.B.; ROIA-JR, F.C. Phytochemical and toxicological screening of household ornamental plants potentially toxic to humans. **International Journal of Toxicology Environmental Health**, v. 1, n. 6, p. 939-953, 1976.

DEY, B.; BHATTACHARJEE, R.; MITRA, A.; SINGLA, R.K.; PAL, A. Mechanistic explorations of antidiabetic potentials *Sansevieria trifasciata*. **Indo Global Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 4, n. 2, p. 113-122, 2014.

DI STASI, L.C.; BRITO, A.R.M.S.; BACCHI, E.M.; MING, L.C.; FURLAN, M.R.; SAVASTANO, M.A.P.; AMOROZO, M.C.; REIS, M.S.; FERRI, P.H. **Plantas medicinais arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

DI STASI, L.C.; OLIVEIRA, G.P.; CARVALHAES, M.A.; QUEIROZ-JUNIOR, M.; TIEN, O.S.; KAKINAMI, S.H.; REIS, M.S. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**, v. 73, p. 69-91, 2001.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2001.

DIÓGENES, M.J.N.; MATOS, F.J.A. Dermatite de contato por plantas (DCP). **Revista Brasileira de Dermatologia**, v. 74, n. 6, p.629-634, 1999.

DORMANN, H.J.D.; KOSAR, M.; KAHLOS, K.; HOLM, Y.; HILTUNEN, R. Antioxidant properties and composition of aqueous extract from *Mentha* species, hybrids, varieties, and cultivars. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 51, n. 16, p. 4563-4569, 2003.

ERKAN, N.; AYRANCI, G.; AYRANCI, E. Antioxidant activities of rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.) extract, blackseed (*Nigella sativa* L.) essential oil, carnosic acid, rosmarinic acid and sesamol. **Food Chemistry**, v. 110, n. 1, p. 76-82, 2008.

EZEJA, M.I.; OMEH, Y.S. Anti-nociceptive activities of the methanolic leaf extract of *Nicotiana tabacum* (Linn). **Continental Journal of Pharmacology and Toxicology Research**, v. 3, p. 5-10, 2010.

FALÉ, P.L.; BORGES, C.; MADEIRA, P.J.A.; ASCENÇÃO, L.; ARAÚJO, M.E.M.; FLORÊNCIO, M.H.; SERRALHEIRO, M.L.M. Rosmarinic acid, scutellarein 4'-methyl ether 7-O-glucuronide and (16S)-

oleon E are the main compounds responsible for the antiacetylcholinesterase and antioxidant activity in herbal tea of *Plectranthus barbatus* ("falso boldo"). **Food Chemistry**, v. 114, n. 3, p. 798-805, 2009.

FALKENBERG, D.B. Aspectos da flora e da vegetação secundária da restinga de Santa Catarina, sul do Brasil. **Insula**, n. 28, p. 1-30, 1999.

FARELLI, M.H. **Plantas que curam e cortam feitiços**. 7 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

FARJADO, L.M.; BARRERAA, M.G.; OSORIO, J.C.C. Contribution to phytochemical study of the species "*Sansevieria trifasciata* prain" and their behavior in biological assays. **Revista de Investigaciones Universidade del Quindío**, v. 22, p. 121-128, 2011.

FERLEMI, A.V.; KATSIKOUDI, A.; KONTOGIANNI, V.G.; KELLICI, T.F.; LATROU, G.; LAMARI, F.N.; TZAKOS, A.G.; MARGARITY, M. Rosemary tea consumption results to anxiolytic- and anti-depressant-like behavior of adult male mice and inhibits all cerebral area and liver cholinesterase activity; phytochemical investigation and in silico studies. **Chemico-Biological Interactions**, v. 237, p. 47-57, 2015.

FERLEMI, A.V.; KATSIKOUDI, A.; KONTOGIANNI, V.G.; KELLICI, T.F.; IATROU, G.; LAMARI, F.N.; TZAKOS, FERNANDES, L.C.B.; CÂMARA, C.C.; BLANCO, B.S.; Anticonvulsant activity of extracts of *Plectranthus barbatus* leaves in mice. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, 2012.

FERREIRA, L.S.; MARSOLA, F.J.; TEIXEIRA, S.P. Anatomia dos órgão vegetativos de *Dieffenbachia picta* Schott (Araceae) com ênfase na distribuição de cristais, laticíferos e grãos de amido. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, p. 664-670, 2006.

FOGAÇA, R.T.H.; CAVALCANTE, A.D.A.; SERPA, A.K.L.; SOUSA, P.J.C.; SOUZA, A.N.C.; CARDOSO, J.H.L. The effects of *Mentha x villosa* on skeletal muscle of the toad. **Phytoterapy Research**, v. 11, n. 8, p. 552-557, 1997.

FONSECA, Z.A.A.S.; COELHO, W.A.C.; ANDRE, W.P.P.; BESSA, E.N.; RIBEIRO, W.L.C.; PEREIRA, J.S.; AHID, S.M.M. Use of herbal medicines in control of gastrointestinal nematodes of small ruminants: efficacies and prospects. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 7, n. 2, 2013.

FREITAS, T.G.; AUGUSTO, P.M.; MONTANARI, T. Effect of *Ruta graveolens* L. on pregnant mice. **Contraception**, v. 71, n. 1, p.74-77, 2005.

GAMÉS, M.J.; JIMÉNEZ, J.; NAVARRO, C.; ZARZUELO, A. Study of essential oil of *Lavandula dentata* L. **Pharmazie**, v. 45, n. 1, p. 69-70, 1990.

GARCIA, D.; MEDEIROS, T.A.; RIBEIRO, C.; SANTOS, J.F.L.; NETO, J.S.; ANTONIO, R.L.; SANTOS, T.S.D.; RODRIGUES, E. Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no Centro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Exu Ventania, Diadema, SP, Brasil: um estudo etnofarmacológico. **Ethnoscience**, v. 1, n. 1, 2016.

GARLET, T.M.B. Produtividade, teor e composição do óleo essencial de espécies de *Mentha* L. (Lamiaceae) cultivadas em hidroponia com variação de potássio. **Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria - RS, Programa de Pós-graduação em Agronomia**, 2007.

GASPER, A.L.; UHLMANN, A.; SEVEGNANI, L.; MEYER, L.; LINGNER, D.V.; VERDI, M.; SANTOS, A.S.; SOBRAL, M.; VIBRANS, A.C. Floristic and Forest Inventory of Santa Catarina: species of evergreen rainforest. **Rodriguésia**, v. 65, n. 4, p. 807-816, 2014.

GERLACH, G. **Desterro**: Ilha de Santa Catarina, edição do autor. 2010.

GERMANO, D.H.P.; SERTIE, J.A.A.; BACCHI, E.M. Pharmacological assay of *Petiveria alliacea*. II: Oral anti-inflammatory activity and gastrotoxicity of a hydroalcoholic root extract. **Fitoterapia**, v. 66, n. 33, p. 195-202, 1995.

GIMENES, B.J. **Fitoenergética**: a energia das plantas no equilíbrio da alma. 8ª ed. Nova Petrópolis: Luz da Serra Editora, 2016.

GIOVANNINI, D.; GISMONDI, A.; BASSO, A.; CANUTI, L.; BRAGLIA, R.; CANINI, A.; MARIANI, F.; CAPPELLI, G. *Lavandula angustifolia* Mill. essential oil exerts antibacterial and anti-inflammatory effect in macrophage mediated immune response to *Staphylococcus aureus*. **Journal of Molecular and Cellular Immunology**, v. 45, n. 1, 2016.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Use and traditional knowledge of medicinal plants at Sertão do Ribeirão, Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GOMES, H.H.S.; DANTAS, I.C.; CATÃO, M.H.C. Plantas medicinais: sua utilização em terreiros de umbanda e candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, 2008.

GOMES, P.B.; OLIVEIRA, M.M.S.; NOGUEIRA, C.R.A.; NORONHA, E.C.; CARNEIRO, L.M.V.; BEZERRA, J.N.S.; NETO, M.A.; VASCONCELOS, S.M.M.; FONTELES, M.M.F.; VIANA, G.S.B.; SOUSA, F.C.F. Study of antinociceptive effect of isolated fractions from *Petiveria alliacea* L. (tipi) in mice. **Biological and Pharmaceutical Bulletin**, v. 28, n. 1, p. 42-46, 2005.

GORDENSTEIN, S.L. Planting axe in the city: urban terreiros and the growth of candomblé in late nineteenth-century, Salvador, Bahia, Brasil. **Journal of African Diáspora Archaeology and Heritage**, V. 5, n. 2, p. 71-101, 2016.

GOTELLI, N.J.; COLWELL, R.K. **Estimating species richness**. New York: Oxford University Press, p.39-54, 2011.

GOTELLI, N.J.; ELLISON, A.M. **Princípios de estatística em ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GURNANI, N.; GUPTA, M.; MEHTA, D.; MEHTA, B.K. Chemical composition, total phenolic and flavonoids contents, and in vitro antimicrobial and antioxidant activities of crude extracts from red chilli seeds (*Capsicum frutescens* L.). **Journal of Taibah University for Science**, v. 10, n. 4, p. 462-470, 2016.

HEMALATHA, N.; DHASARATHAN, P. Comparative study on the antimicrobial activity of *Capsicum annum* and *Capsicum frutescens*. **International Journal of Ethnomedicine and Pharmacological Research**, v. 1, n. 1, p. 142-147, 2013.

HERNANDEZ, E.H.; ALQUICIRA, E.P.; FLORES, M.E.J.; LEGARRETA, I.G. Antioxidant effect rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.) and oregano (*Origanum vulgare* L.) extracts on TBARS and colour of model raw pork batters. **Meat Science**, v. 81, n. 2, p. 410-417, 2009.

HORVÁTH, K.; BOROS, M.; BAGOLY, T.; SÁNDOR, V.; KILÁR, F.; KEMÉNY, A.; HELYES, Z.; SZOLCSÁNYI, J.; PINTÉR, E. Analgesic topical capsaicinoid therapy increases somatostatin-like immunoreactivity in the human plasma. **Neuropeptides**, v. 48, p. 371-378, 2014.

HUSSAIN, A.L.; ANWAR, F.; SHERAZI, S.T.H.; PRZYBYLSKI, R. Chemical composition, antioxidant and antimicrobial activities of basil (*Ocimum basilicum*) essential oils depends on seasonal variations. **Food Chemistry**, v. 108, n. 3, p. 986-995, 2008.

IBDF. **Inventário Florestal Nacional**: reflorestamento Paraná, Santa Catarina. Ministério da Agricultura, 1984.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acessado em 10/04/2015.

IMELOUANE, B.; ELBACHIRI, A.; ANKIT, M.; BENZEID, H.; KHEDID, K. Physico-chemical compositions and antimicrobial activity of essential oil of eastern Moroccan *Lavandula dentata*. **International Journal of Agriculture and Biology**, v. 11, n. 2, p. 113-118, 2009.

IPUF. **Instituto de planejamento urbano de Florianópolis**. Florianópolis: IPUF, 2004.

ISOPENCU, G.; FERDES, M. Aspects regarding the influence of concentration of components with antifungal activity from some essential oils. **The Chemistry Magazine**, v. 63, n. 2, p. 205-211, 2012.

JANBAZ, K.H.; IRFAN, H.; ANWAR-UL-HASSAN, G.; QADIR, M.I. Spasmolytic, bronchodilatador and vasodilatador activities of aqueous methanolic extract of *Ocimum basilicum*. **International Journal of Agriculture and Biology**, v. 16, n. 2, p. 321-327, 2014.

JAYASINGHE, C.; GOTOH, N.; AOKI, T.; WADA, S. Phenolics composition and antioxidant activity of Sweet Basil (*Ocimum basilicum* L.). **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 51, n. 15, p. 4442-4449, 2003.

JOLAYEMI, A.T.; OJEWOLE, J.A.O. Analgesic effects of *Capsicum frutescens* Linn. (Solanaceae) fruit aqueous extract in mice. **Journal of Medicine and Medical Science**, v. 3, n. 10, p. 325-330, 2014.

JOLAYEMI, A.T.; OJEWOLE, J.A.O. Comparative anti-inflammatory properties of Capsaicin and ethyl-acetato extract of *Capsicum frutescens* linn (Solanaceae) in rats. **African Healthy Sciences**, v. 13, n. 2, p. 357-361, 2013.

JOLY, A.B. **Botânica**: introdução a taxonomia vegetal. 10ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

JORGE, N.; VERONEZI, C.M.; PEREIRA, D.C. Extracts of red peppers: antioxidant activity and sensory evaluation. **Nutrition & Food Science**, v. 46, n. 2, p. 228-236, 2016.

JOTHIMANIVANNAN, C.; KUMAR, R.S.; SUBRAMANIAN, N. Anti-inflammatory and analgesic activities of ethanol extract of aerial parts of *Justicia gendarussa*. **International Journal of Pharmacology**, p.1-6, 2010.

KAGEYAMA, A.; UENO, T.; OSHIO, M.; MASUDA, H.; HORIUCHI, H.; YOGOSHI, H. Antidepressant-like effects of an aqueous extract of lavender (*lavandula angustifolia* Mill.) in rats. **Food Science and Technology Research**, v. 18, n. 3, p.473-479, 2012.

KAMAL, A.T.M.M.; CHOWDHURYK.A.A.; CHY, M.M.H.; SHILL, L.K.; CHOWDHURY, S.; CHY, M.A.H.; HABIB, M.Z. Evaluation of anthelmintic activity of seeds of *Sesamum indicum* L. and fruits of *Capsicum frutescens* L. **Journal of Pharmacognosy and Phytochemistry**, v. 3, n. 6, p. 256-259, 2015.

KAPEWANGOLO, P.; HUSSEIN, A.A.; MEYER, D. Inhibition of HIV-1 enzymes, antioxidant and anti-inflammatory activities of *Plectranthus barbatus*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 149, n. 1, p. 184-190, 2013.

KAPPEL, V.D.; COSTA, G.M.; SCOLA, G.; SILVA, F.A.; LANDELL, M.F.; VALENTE, P.; SOUZA, D.G.; VANZ, D.C.; REGINATTO, F.H.; MOREIRA, J.C.F. Phenolic content and antioxidant and antimicrobial properties of fruits of *Capsicum baccatum* L. var. *pendulum* at different maturity stages. **Journal of Medicinal Food**, v. 11, n. 2, p. 267-274, 2008.

KARAMOVA, N.; GUMEROVA, S.; HASSAN, G.O.; HAFEEZ, E.Y.A.; IBRAHIM, O.H.M.; ORABI, M.A.A.; LLINSKAYA, O. Antioxidant and antimutagenic potential of extracts of some Agavaceae family plants. **BioNanoScience**, v. 6, n. 4, p. 591-593, 2016.

KAYA, I.; YIGIT, N.; BENLI, M. Antimicrobial activity of various extracts of *Ocimum basilicum* L. and observation of the inhibition effect on bacterial cells by use scanning electron microscopy. **African Journal of Traditional, Complementary and Alternative Medicines**, v. 5, n. 4, p. 363-369, 2008.

KHAN, I.; AHMAD, H.; AHMAD, B. Anti-glycation and anti-oxidation properties of *Capsicum frutescens* and *Curcuma longa* fruits: Possible role in prevention of diabetic complication. **Pakistan Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 27, n. 5, p. 1359-1362, 2014.

KIENDERBEOGO, M.; COULIBALY, A.Y.; NEBIE, R.C.H.; ZEBA, B.; LAMIEN, C.E.; LAMIEN-MEDA, A.; NACOULMA, O.G. Antiacetylcholinesterase and antioxidant activity of essential oils from six medicinal plants from Burkina Faso. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 21, n. 1, p. 63-69, 2011.

KIM, S.; KUBEC, R.; MUSAH, R.A. Antibacterial and antifungal activity of sulfur-containing compounds from *Petiveria alliaceae* L. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 104, n. 1-2, p. 188-192, 2006.

KLEIN, R. M. **Flora ilustrada catarinense**: mapa fitogeográfico do Estado de Santa Catarina. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, V Parte - mapa fitogeográfico, 1978.

KOFFI-NEVRY, R.; KOUASSI, K.C.; NANGA, Z.Y.; KOUSSÉMON, M.; LOUKOU, G.Y. Antibacterial activity of two bell pepper extracts: *Capsicum annum* L. and *Capsicum frutescens*. **International Journal of Food Properties**, v. 15, n. 5, p. 961-971, 2012.

KUMAR, K.S.; VIJAYAN, V.; BHASKAR, S.; KRISHNAN, K.; SHALINI, V.; HELEN, A. Anti-inflammatory potential of an ethyl acetate fraction isolated from *Justicia gendarussa* roots through inhibition of iNOS and COX-2 expression via NF-kB pathway. **Cellular Immunology**, v. 272, n. 2, p. 283-289, 2012.

KWEE, E.M.; NIEMEYER, E.D. Variations in phenolic composition and antioxidant properties among 15 basil (*Ocimum basilicum* L.) cultivars. **Food Chemistry**, v. 128, p. 1044-1050, 2011.

LEAL, J. **Cultura e Identidade Açoriana**: o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

LEITE, I.B. *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LIMA, T.C.M. Evaluation of antinociceptive effect of *Petiveria alliaceae* (Guiné) in animals. **Memorial do Instituto Oswaldo Cruz**, vol. 86, 1991.

LIMA, V.C. **A Família de Santo nos Candomblés Jêjes-nagôs da Bahia:** um estudo de relações intragrupais. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LOPES, N. **História e cultura africana e afro-brasileira.** São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil:** terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais. 2ª ed. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1991.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil - Nativas e Exóticas.** 2ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil (arbustivas herbáceas e trepadeiras).** 4ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

LOWE, H.I.C.; TOYANG, N.J.; HEREDIA, A.; AYEAH, K.N.N.; WATSON, C.T.; BRYANT, J. *Petiveria alliaceae* L. (Guinea Hen Weed) and its major metabolite dibenzyl trisulfide demonstrate HIV-1 reverse transcriptase inhibitory activity. **European Journal of Medicinal Plants**, v. 5, n. 1, p.88-94, 2015.

LUZ, D.A.; PINHEIRO, A.M.; SILVA, M.L.; MONTEIRO, M.C.; PREDIGER, R.D.; MAIA, C.S.F.; JÚNIOR, E.A.F. Ethnobotany, phytochemistry and neuropharmacological effects of *Petiveria alliaceae* L. (Phytolaccaceae): a review. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 185, n. 5, p. 182-201, 2016.

MACEDO, I.T.F.; BEVILAQUA, C.M.L.; OLIVEIRA, L.M.B.; VASCONCELOS, A.L.F.C.; MORAIS, S.M.; MACHADO, L.K.A.; RIBEIRO, W.L.C. In vitro activity of *Lantana camara*, *Alpinia zerumbet*, *Mentha villosa* and *Tagetes minuta* decoctions on *Haemonchus contortus* eggs and larvae. **Veterinary Parasitology**, v. 190, n. 3-4, p. 504-509, 2012.

MAIOLI, M.A.; ALVES, L.C.; CAMPANINI, A.L.; LIMA, M.C.; DORTA, D.J.; GROppo, M.; CAVALHEIRO, A.J.; CURTI, C.; MINGATTO, F.E. Iron chelating-mediated antioxidant activity of *Plectranthus barbatus* extract on mitochondria. **Food Chemistry**, v. 122, n. 1, p. 203-208, 2010.

MALI, R.G.; MEHTA, A.A. A review on anthelmintic plants. **Indian Journal of Natural Products and Resources**, v. 7, n. 5, p. 466-475, 2008.

MARIN, I.; BARBERÁ, E.S.; MARTOS, M.V.; NAVARRO, C.; SENDRA, E. Chemical composition, antioxidant and antimicrobial activity of essential oils from organic *Fennel*, *Parsley*, and *Lavender* from Spain. **Foods**, v. 5, n. 1, 2016.

MARTINS, G. **Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina**. Florianópolis: ed. do autor, 2006.

MARTINS, R.A.B.L.; PEGORARO, D.H.; WOISKY, R.; PENNA, S.C.; SERTIÉ, J.A.A. The anti-inflammatory and analgesic effects of a crude extract of *Petiveria alliaceae* L. (Phytolaccaceae). **Phytomedicine**, v. 9, n. 3, p. 245-248, 2002.

MATORY, J.L. **Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism, and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé**. Pinceton University Press, 2005.

MATOS, F.J.A.; MACHADO, M.I.L.; CRAVEIRO, A.A.; ALENCAR, J.W.; BARBOSA, J.M.; CUNHA, E.V.L.; HIRUMA, C.A. Essential oil of *Mentha x villosa* Huds. from Northeastern Brazil. **Journal of Essential Oil Research**, v. 11, n. 1, p.41-44, 1999.

MENDONÇA, E. **Arsenal de umbanda**. São Paulo: Anúbis, 2012.

MIN, S.S.; HAN, S.H.; YEE, J.; KIM, C.; SEOL, G.H.; IM, J.H.; KIM, H.T.; LEE, K.C.; KIM, H.Y.; LEE, M.J. Antinociceptive effects of the essential oil of *Ocimum basilicum* in mice. **The Korean Journal of Pain**, v. 22, n. 3, p. 206-209, 2009.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 1, p. 203-215, 2008.

MOHAN, V.R.; SATHIYABALAN, G.; PACKIA, L.M.; MUTHUKUMARASAMY, S. GC-MS Analysis of bioactive components of *Petiveria alliaceae* L. whole plant (Phytolaccaceae). **International Journal of Pharma Research and Health Sciences**, v. 2, n. 5, p. 387-392, 2014.

MOSIMANN, J.C. **Catarinenses – gênese e história**. Florianópolis: Edição do autor, 2010.

MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and Methods of Vegetation Ecology**. New York, 1974.

NAJAFI, B.; FARIBA, F.; DAEM, R.; GHADERI, L.; SEIDI, J. The effect of *Lavender* essence on pain severity after cesarean section under spinal anesthesia. **Journal of Chemical and Pharmaceutical Sciences**, n. 7, 2016.

NASCIMENTO, E.M.; FURLONG, J.; PIMENTA, D.S.; PRATA, M.C.A. Efeito anti-helmíntico do hidrolato de *Mentha villosa* Huds. (Lamiaceae) em nematóides gastrintestinais de bovinos. **Ciência Rural**, 2008.

NASCIMENTO, P.L.A.; NASCIMENTO, T.C.E.S.; RAMOS, N.S.M.; SILVA, G.R.; GOMES, J.E.G.; FALCÃO, R.E.A.; MOREIRA, K.A.; PORTO, A.L.F.; SILVA, T.M.S. Quantification, antioxidant and antimicrobial activity of phenolics isolated from different extracts of *Capsicum frutescens* (Pimenta Malagueta). **Molecules**, v. 19, n. 4, p. 5434-5447, 2014.

NETO, N.A.L.; ALVES, R.R.N. A natureza sagrada do candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no nordeste de Brasil. **Interciência**, v. 35, n. 08, p. 568-574, 2010.

OKADA, Y.; TANAKA, T.; SATO, E.; OKAJIMA, H. Antioxidant activity of the new thiosulfinate derivative, AS-benzyl phenylmethanethiosulfinate, from *Petiveria alliacea* L. **Organic and Biomolecular Chemistry**, v. 6, p. 1097-1102, 2008.

OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, L.H.C. Caracterização morfológica de *Justicia pectoralis* JACQ. e *Justicia gendarussa* Burm.F. (Acanthaceae). **Acta Amazonica**, v. 30, n. 4, p. 569-578, 2000.

OLIVEIRA, A.K.M.; OLIVEIRA, N.A. RESENDE, U.M.; MARTINS, P.F.R.B. Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Pantanal Negro sub-region and the raizeiros of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 71, n. 1, p. 283-289, 2011.

OLIVEIRA, J. P. **Cerimônia do candomblé praticado no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, Rio de Janeiro, 1975.

OLIVEIRA, R.B.; GODOY, S.A.P.; COSTA, F.B. **Plantas tóxicas: conhecimento e prevenção de acidentes**. São Paulo: Editora Holos, 2003.

OMAR, O.A.S.; BUKHARI, H.M.; ELSAWY, N.A.; HEADER, E.A. Efficacy of *Capsicum frutescens* in curing the peptic ulcer. **International Journal of Pure and Applied Sciences and Technology**, v. 15, n. 1, p. 43-54, 2013.

ORLANDA, J.F.F.; NASCIMENTO, A.R. Chemical composition and antibacterial activity of *Ruta graveolens* L. (Rutaceae) volatile oils, from São Luís, Maranhão, Brazil. **South African Journal of Botany**, v. 99, p. 103-106, 2015.

PAL, K.; RAHAMAN, C.H. Phytochemical and antioxidant studies of *Justicia gendarussa* Burm.F. an ethnomedicinal plant. **International Journal of Pharmaceutical Sciences and Research**, v. 6, n. 8, p. 3454-3462, 2015.

PANDOLFO, C.; BRAGA, H. J.; SILVA JR, V. P. da; MASSIGNAM, A. M., PEREIRA, E. S.; THOMÉ, V. M. R.; VALCI, F.V. **Atlas climatológico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri, 2002.

PANIZZA, S. **Plantas que curam** (Cheiro de Mato). 3 ed. São Paulo: IBRASA, 1998.

PARÉS, L.N. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PAVAL, J.; KAITHERI, S.K.; POTU, B.K.; GOVINDAN, S.; KUMAR, R.S.; NARAYANAN, S.N.; MOORKOTH, S. Anti-arthritis potential of the plant *Justicia gendarussa* Burm. **Clinics**, v. 64, n. 4, 2009.

PAZ, C.E.; LEMOS, I.C.S.; MONTEIRO, A.B.; DELMONDES, G.A.; FERNANDES, G.P.; COUTINHO, H.D.M.; FELIPE, C.F.B.; MENEZES, I.R.A.; KERNTOPF, M.R. Plantas medicinais no candomblé como elemento de resistência cultural e cuidado à saúde. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 20, n. 01, p. 25-37, 2015.

PEREIRA, J.B.B. Negro e cultura negra no Brasil atual. **Revista de Antropologia**, v. 26, 1983.

PERONI, N.; HANAZAKI, N.; BEGOSSI, A.; ZUCHIWSCHI, E.; LACERDA, V.D.; MIRANDA, T.M. Homegardens in a micro-regional scale: contributions to agrobiodiversity conservation in an urban-rural context. **Ethnobiology and Conservation**, v. 5, n. 6, 2016.

PIAZZA, W. F. **Atlas histórico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria da Educação e Cultura, 1970.

\_\_\_\_\_, W. F. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994.

\_\_\_\_\_, W.F. **A escravidão negra numa província periférica**. Florianópolis: Garapuvu, 1999.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, Bahia, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PIRES, M.V.; ABREU, P.P.; SOARES, C.S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D.C.; ROCHA, E.A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v.7, n. 1, p. 3-8, 2009.

POZZO, M.D.; VIEGAS, J.; SANTURIO, D.F.; ROSSATTO, L.; SOARES, I.H.; ALVES, S.H.; COSTA, M.M. Atividade antimicrobiana de óleos essenciais de condimentos frente a *Staphylococcus* spp. isolados de mastite caprina. **Ciência Rural**, v. 41, n. 4, p. 667-672, 2011.

PRANCE, G., NESBITT, M. **The cultural history of plants**. Routledge, New York, USA. 2005.

PRANDI, R. **Segredos Guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, n. 46, p. 52-65, 2000.

PRUSINOWSKA, R.; SMIGIELSKI, K.; STOBIECKA, A.; STYCZYNSKA, A.K. Hydrolates from lavender (*Lavandula angustifolia*) - their chemical composition as well as aromatic, antimicrobial and antioxidant properties. **Journal of Natural Product Research**, v. 30, n. 4, 2015.

RAHBARDAR, M.G.; AMIN, B.; MEHRI, S.; MIRNAJAFI-ZADEH, S.J.; HOSSEINZADEH, H. Anti-inflammatory effects of ethanolic extract of *Rosmarinus officinalis* L. and rosmarinic acid in a rat model of neuropathic pain. **Biomedicine and Pharmacotherapy**, v. 86, p. 441-449, 2017.

RAMOS, A. **As culturas negras no novo mundo**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

RAPPER, S.; KAMATOU, G.; VILJOEN, A.; VUUREN, S.V. The in vitro antimicrobial activity of *Lavandula angustifolia* essential oil in combination with other aroma-therapeutic oils. **Evidence-based Complementary and Alternative Medicine**, 2013.

RATHEESH, M.; SINDHU, G.; HELEN, A. Anti-inflammatory effect of quinoline alkaloid skimmianine isolated from *Ruta graveolens* L. **Inflammation Research**, v. 62, n. 4, p. 367-376, 2013.

REFLORA. **REFLORA - Brazilian Plants: Historic Rescue and Virtual Herbarium for Knowledge and Conservation of the Brazilian Flora**. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/58A1VN>>. Acessado em 10 nov. 2016.

RIahi, L.; ELFERCHICHI, M.; GHAZGHAZI, H.; JEBALI, J.; ZIADI, S.; AOuADHI, C.; CHOGRANI, H.; ZAOUALI, Y.; ZOGLAMI, N.; MLIKI, A. Phytochemistry, antioxidant and antimicrobial activities of the essential oils of *Mentha rotundifolia* L. in Tunisia. **Industrial Crops and Products**, v. 49, p. 883-889, 2013.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, J.; EDUARDO-FIGUEIRA, M.; BARATEIRO, A.; FERNANDES, A.; BRITES, D.; BRONZE, R.; DUARTE, C.M.M.; SERRA, A.T.; PINTO, R.; FREITAS, M.; FERNANDES, E.; SILVA-LIMA, B.; MOTA-FILIFE, H.; SEPODES, B. Anti-inflammatory effect of rosmarinic acid and an extract of *Rosmarinus officinalis* in rat models of local and systemic inflammation. **Basic & Clinical Pharmacology & Toxicology**, v. 116, p.398-413, 2015.

RODRIGUES, R.N. **Os africanos no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

ROMAN, A.L.C.; MING, L.C.; CARVALHO, I.; SABLAYROLLES, M.G.P. Uso medicinal da pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* L.) em uma comunidade de várzea à margem do rio Amazonas, Santarém, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, V. 6, n. 3, p. 534-557, 2011.

ROTTA, E.; BELTRAMI, L.C.C.; ZONTA, M. **Manual de prática de coleta e herborização de material botânico**. Colombo: Embrapa Florestas, 2008.

RU, Q.; WANG, L.; LI, W.; WANG, J.; DING, Y. In vitro antioxidant properties of flavonoids and polysaccharides extract from tobacco (*Nicotiana tabacum* L.) leaves. **Molecules**, v. 17, p. 11281-11291, 2012.

RUYSSCHAERT, S., ANDEL, T.V.; PUTTE, K.V.; DAMME, P.V. Bathe the baby to make it strong and healthy: Plant use and child care among Saramaccan Maroons in Suriname. **Journal of Ethnopharmacology**, n° 121, pp. 148-170, 2009.

SAEDINIA, A.; KEIHANIAN, F.; DELAVAR, S.F.; KEIHANIAN, F.; RANJBAR, A.; KARKAN, M.F. Lack of antibacterial activity of *Ruta graveolens* extracts against *Enterococcus fecalis*. **Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 29, n. 4, p. 1371-1374, 2016.

SAHA, M.R.; DEBNATH, P.C.; RAHMAN, M.A.; ISLAM, M.A.U. Evaluation of in vitro anthelmintic activities of leaf and stem extracts of *Justicia gendarussa*. **Bangladesh Journal of Pharmacology**, v. 7, n. 1, 2012.

SAID, A.A.; ABOUTABL, E.A.; AWDAN, S.A.E.; RASLAN, M.A. Proximate analysis, phytochemical screening, and bioactivities evaluation of *Cissus rotundifolia* (Forssk.) Vahl. (Fam. Vitaceae) and *Sansevieria cylindrica* Bojer ex Hook. (Fam. Dracaenaceae) growing in Egypt. **Egyptian Pharmaceutical Journal**, v. 14, n. 3, p. 180-186, 2015.

SANTANA, B.F.; VOEKS, R.A.; FUNCH, L.S. Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest. **Journal of Ethnopharmacology**, n. 181, pp. 37-49, 2016.

SANTOS, S.C. **Nova História de Florianópolis**. Edição do autor. 1974.

SARACENI, R. **A magia divina das sete ervas sagradas**. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2015.

SARACENI, R. **Tratado Geral de Umbanda**: Compêndios simplificados de Teologia de Umbanda, A Religião dos Mistérios de Deus: As chaves interpretativas. São Paulo: Editora Madras, 2005.

SASAKI, K.; OMRI, A.E.; KONDO, S.; HAN, J.; ISODA, H. *Rosmarinus officinalis* polyphenols produce anti-depressant like effect through monoaminergic and cholinergic functions modulation. **Behavioural Brain Research**, v. 238, p. 86-94, 2013.

SERRA, O.; VELOZO, E.; BANDEIRA, F.; PACHECO, L. **O mundo das folhas**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

SHAHRAKI, F.H.; NAMJOO, A.R.; PIRBALOUT, A.G.; KOPAEI, M.R.; LORIGOOINI, Z.; ARJENAKI, M.G. Antidepressant like effect of essential oil of *Lavandula angustifolia* Mill. and *Citrus bigaradia* Duh with forced swimming test in reserpinized mice Balb/C. **Razi Journal of Medical Sciences**, v. 23, n. 151, 2017.

SHARMA, D.K.; LUHADIYA, G.; SONI, P.K.; MALI, P.C. Traditionally used indian medicinal plants exhibits contraceptive activities: a review. **International Journal of Pharmacology and Biological Sciences**, v. 9, n. 3, p.39-48, 2015.

SILVA, V.G. **Memória Afro-brasileira: caminhos da alma**. São Paulo: Summus, 2007.

SILVA, I.G.R.; TAKEMURA, O.S. Aspectos de intoxicações por *Dieffenbachia* spp. (Comigo-ninguém-pode) - Araceae. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 5, n. 2, p. 151-159, 2006.

SILVA, J.M. Religiões e Saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. **Saúde e Sociedade**, v.16, n. 2, p.171-177, 2007.

SILVA, C.L.F. Uso terapêutico e religioso das ervas. **Caminhos**, v. 12, n. 1, p. 79-92, 2014.

SILVA, M.L.; LUZ, D.A.; PAIXÃO, T.P.; SILVA, J.P.B.; FILHO, I.J.A.B.; FERNANDES, L.M.P.; GONÇALVES, A.C.B.; JÚNIOR, E.A.F.; ANDRADE, M.T.; MAIA, C.S.F. *Petiveria alliaceae* exerts mnemonic and learning effects on rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 169, n. 1, p. 124-129, 2015.

SILVA, M.S.A.; SILVA, M.A.R.; HIGINO, J.S.; PEREIRA, M.S.V.; CARVALHO, A.A.T. Atividade antimicrobiana e antiaderente in vitro do extrato de *Rosmarinus officinalis* Linn. sobre bactérias orais planctônicas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2, 2008.

SILVA, V.G. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

SITZMANN, J.; HABEGGER, R.; SCHNITZLER, W.H.; GRASSMAN, J. Comparative analysis of antioxidant activities of fourteen *Mentha* essential oils and their components. **Chemistry and Biodiversity**, v. 11, n. 12, p. 1978-1989, 2014.

SIVASAKTHI, A.; VIJAYALAKSHMI, M. Antibacterial activities of phytochemical extracts from the leaves of *Justicia gendarussa* Burm.F. **International Journal of Pharma and Bio Sciences**, v. 5, n. 2, p. 433-438, 2014.

SOUSA, A.A.S.; SOARES, P.M.G.; ALMEIDA, A.N.S.; MAIA, A.R.; SOUZA, E.P.; ASSREUY, A.M.S.; Antispasmodic effect of *Mentha piperita* essential oil on tracheal smooth muscle of rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 130, n. 2, p. 433-436, 2010.

SOUSA, P.J.C.; LINARD, C.F.B.M.; BATISTA, D.A.; OLIVEIRA, A.C.; SOUZA, A.N.C.; CARDOSO, J.H.L. Antinociceptive effects of the essential oil of *Mentha x villosa* leaf and its major constituent piperitenone oxide in mice. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v. 42, n. 7, p. 655-659, 2009.

SOUZA SOBRINHO, R. J.; BRESOLIN, A.; KLEIN, R.MI. Os Manguezais na Ilha de Santa Catarina. **INSULA Revista de Botânica**, v. 2, 1969.

SUBRAMANIAN, N.; JOTHIMANIVANNAN, C.; SENTHILKUMAR, R.; KAMESHWARAN, S. Sedative and hypnotic activity of ethanolic extract of *Justicia gendarussa* Burm. **International Journal of Phytopharmacology**, v. 5, n. 5, p. 354-357, 2014.

SUNILSON, A.J.J.; JAYARAJ, P.; VARATHARAJAN, R.; THOMAS, J.; JAMES, J.; MUTHAPPAN, M. Analgesic and antipyretic effects of *Sansevieria trifasciata* leaves. **African Journal of Traditional, Complementary and Alternative Medicines**, v. 6, n. 4, p. 529-533, 2009.

TAHER, Y.A. Antinociceptive activity of *Mentha piperita* leaf aqueous extract in mice. **Lybian Journal of Medicine**, v. 7, n. 1, 2012.

TEWARI, D.; PANDEY, H.K.; SAH, A.N.; MEENA, H.; CHANDER, V.; SINGH, R.; SINGH, P. Phytochemical, antioxidant and antidepressant

evaluation of *Ocimum basilicum*, *O. tenuiflorum*, *O. kilimandscharicum* grown in India. **Journal of Biologically Active Products from Nature**, v. 5, n. 2, p. 120-131, 2015.

TOLEDO, D.B.; CÁRDENAS, M.B.; MORGADO, E.B.; ROMÁN, R.E.; CORREA, I.I.; CÁRDENAS, B.A. Evaluación preclínica de la actividad hepato protectora de *Ocimum basilicum* L. y *Allium sativum* L. **Revista Electrónica de las Ciencias Médicas**, v. 12, n. 1, 2014.

TRAMONTE, C. **Com a bandeira de Oxalá: trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Itajaí: UNIVALI, 2001.

TRINDADE, D.F. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Ícone, 1986.

TROPICOS.ORG. **Missouri Botanical Garden**. 2015. Disponível em: <<http://www.tropicos.org/Home.aspx>>. Acesso em 10 nov. 2016.

UDDIN, M.D.R.; SINHA, S.; HOSSAIN, M.D.A.; KAISAR, M.D.A.; HOSSAIN, M.D.K.; RASHID, M.A. Chemical and biological investigations of *Justicia gendarussa* (Burm.F). **Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 10, p. 53-57, 2011.

UNIAFRO. União de Cultura Negra em Santa Catarina. Disponível em <http://www.uniafro.xpg.com.br>, acessado em janeiro de 2017.

VÁRZEA, V. R. **Santa Catarina: a ilha**, Florianópolis: IOESC, 1984.

VÁSQUEZ, S.P.F.; MENDONÇA, M.S.; NODA, S.N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.

VAVILOV, N.I. **Origin and geography of cultivated plants**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

VENÂNCIO, A.M.; ONOFRE, A.S.C.; LIRA, A.F.; ALVES, P.B.; BLANK, A.F.; ANTONIOLLI, A.R.; MARCHIORO, M.; ESTEVAM, C.S.; ARAUJO, B.S. Chemical composition, acute toxicity, and antinociceptive activity of the essential oil of a plant breeding cultivar of basil (*Ocimum basilicum* L.). **Planta Medica**, v. 77, p. 825-829, 2011.

VERGER, P. Etnografia religiosa iorubá e proibidade científica. **Religião e Sociedade**, n. 9, pp. 03-10, 1982.

\_\_\_\_\_, P. **Lendas africanas dos Orixás**. 4ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.

\_\_\_\_\_, P. **Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo**. 6ª ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VOEKS, R.A. African medicine and magic in Americas. **The Geographical Review**, v. 83, n. 1, pp. 66-78, 1993.

\_\_\_\_\_, R.A. **Sacred leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil**. Texas: Editora da Universidade do Texas, 1997.

VOGEL, A.; MELLO, M.A.S.M.; BARROS, J.F.P. **A galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

WALLER, S.B.; MADRID, I.M.; CLEFF, M.B.; SANTIN, R.; FREITAG, R.A.; MEIRELES, M.C.A.; MELLO, J.R.B. Effects of essential oils of *Rosmarinus officinalis* Linn. and *Origanum vulgare* Linn. from different origins on *Sporothrix brasiliensis* and *Sporothrix schenckii* complex. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, vol.68, n.4, p.991-999, 2016.

WANG, W.; WU, N.; ZU, Y.G.; FU, Y.J. Antioxidative activity of *Rosmarinus officinalis* L. essential oil compared to its main components. **Food Chemistry**, v. 108, n. 3, p.1019-1022, 2008.

WINTERS, H.M.G.; **Plantas ornamentais tóxicas**. Holambra: São Paulo: Centro Paisagístico, 2000.

YACOUT, G.A.; ELGUINDY, N.M.; AZAB, E.F.E. Hepatoprotective effect of basil (*Ocimum basilicum* L.) on CCI4-induced liver fibrosis in rats. **African Journal of Biotechnology**, v. 11, n. 90, p. 15702-15711, 2012.

ZANIN, P. R. A contribuição das áreas de colonização germânica ao abastecimento alimentar de Florianópolis-SC. **Revista Geográfica de América Central**, p.1-17, 2011.

ZANK, S.; PERONI, N.; ARAÚJO, E.; HANAZAKI, N. Local health practices and the knowledge of medicinal plants in a Brazilian semi-arid

region: environmental benefit to human health. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 11, 2015.

ZANK, S. **O conhecimento sobre plantas medicinais em unidades de conservação de uso sustentável no litoral de SC: da etnobotânica ao empoderamento de comunidades rurais**. Dissertação de Mestrado apresentada no programa de Pós-graduação em Ecologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ZARAGOZI, M.T.I.; MARTINEZ, R.E.V.; FERRER, J.I.; ANDREU, C.M.F.; MACHIN, G.F.M.; LANCHA, M.R.P.; VACA, E.X.M.; MEIS, J.F. In vitro antifungal activity of crude hydro-alcoholic extract of *Petiveria alliacea* L. on clinical *Candida* isolates. **Clinical Microbiology**, v. 3, n. 4, 2014.

ZHANG, H.J.; RUMSCHLAG-BOOMS, E.; GUAN, Y.F.; LIU, K.L.; WANG, D.Y.; LI, W.F.; NGUYEN, V.H.; CUONG, N.M.; SOEJARTO, D.D.; FONG, H.H.S.; RONG, L. Anti-HIV diphyllin glycosides from *Justicia gendarussa*. **Phytochemistry**, v. 136, p. 94-100, 2017.

ZIMMER, A.R.; LEONARDI, B.; MIRON, D.; SCHAPOVAL, E.; OLIVEIRA, J.R.; GOSMANN, G. Antioxidant and anti-inflammatory properties of *Capsicum baccatum*: from traditional uses to scientific approach. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 139, p. 228-233, 2012.

ZUCCHI, M.R.; OLIVEIRA JÚNIOR, V.F.; GUSSONI, M.A.; SILVA, M.B.; SILVA, F.C.; MARQUES, N.E. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 2, p.273-279, 2013.

## APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FUNGOS,  
ALGAS E PLANTAS  
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA HUMANA E  
ETNOBOTÂNICA



Campus Universitário – Trindade - 88040-  
900 - Florianópolis – SC  
FONE: 3721-9460 - <http://www.ecoh.ufsc.br/>

### Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa "Estudo etnobotânico de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina", recebi do Sr. Tiago Santos Pagnocca, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e da orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natalia Hanazaki, responsáveis por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas que:

- O estudo ocorrerá de setembro de 2015 até março de 2017 e será importante para entender quais são as plantas usadas dentro dos terreiros com finalidade terapêutica, pois essas práticas tem grande valor cultural e científico.

- O trabalho se destina a registrar e valorizar os conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas terapêuticas, e levantar informações sobre as espécies utilizadas, assim como as indicações e contextos de uso.

- O estudo será feito através de uma entrevista registrada de forma escrita contendo perguntas sobre o assunto da pesquisa. Eu participarei da etapa de entrevista e caso eu possua alguma das espécies que forem citadas, o pesquisador quando necessário poderá retirar uma pequena amostra dela(s) para identificação.

- Os resultados que se desejam alcançar são: identificar as espécies vegetais de uso terapêutico em terreiros de Candomblé, Umbanda, e Ritual de Almas e Angola; registrar as diferentes formas de utilização para cada espécie citada e analisar o contexto de uso dessas plantas; determinar as espécies mais utilizadas e consideradas mais importantes; classificar as espécies citadas em nativas ou exóticas; compartilhar os resultados da pesquisa com os grupos entrevistados através de devolutivas, visando também a

valorização e o registro dos conhecimentos etnobotânicos associados às práticas tradicionais do Candomblé, Umbanda e Ritual de Almas e Angola.

- A parte da pesquisa que irei participar será apenas a entrevista e, se possível, a coleta de amostras.

- Estou ciente dos possíveis riscos que podem ocorrer ao participar da pesquisa como: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações na auto-estima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física, mental ou social; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre satisfação pessoal e profissional, divisão de trabalho ou rendimentos.

- Caso me sinta desconfortável em participar, ou por qualquer outro motivo, a qualquer hora posso desistir de participar do trabalho e retirar o meu consentimento sem qualquer penalidade ou prejuízo pessoal.

- Os benefícios que posso esperar com a minha participação na pesquisa são a valorização dos saberes e das práticas tradicionais para o meu próprio empoderamento e também o conhecimento da sociobiodiversidade brasileira, que é um benefício indireto. A minha participação não necessitará de nenhum acompanhamento. Por fim, caso eu concorde em participar receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

- Para minha própria segurança será mantido o sigilo das informações durante todas as fases da pesquisa, tendo somente o responsável pelo estudo, acesso às informações identificadas com meu nome. Ainda assim, estou ciente dos riscos de quebra de sigilo que podem eventualmente ocorrer mesmo que involuntário e não intencional. As entrevistas realizadas serão armazenadas no Laboratório de Ecologia Humana da UFSC.

- Em caso de eventual dano causado a mim decorrente da minha participação na pesquisa, terei o meu direito garantido de solicitar indenização, de acordo com o prejuízo causado.

- Não há qualquer despesa para minha participação na pesquisa, ainda assim, estou ciente de que caso haja algum custo eventual, o mesmo será ressarcido diante apresentação de comprovante fiscal.

- A pesquisa não possui nenhum objetivo financeiro e os resultados só serão usados para comunicar outros pesquisadores estudiosos do assunto e revistas relacionadas à universidade.

- Sempre que eu desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo através do contato com o responsável Tiago Santos Pagnocca pelo telefone ou endereço: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade. Centro de Ciências Biológicas/ Departamento de Ecologia e Zoologia. Bloco B. Bairro Córrego Grande. CEP88010-970. Florianópolis-SC. Telefone: (48) 3721-9460. E-mail: tiagopagnocca@hotmail.com.

Depois de saber sobre a pesquisa e entender perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no estudo e estando consciente dos meus direitos e responsabilidades, e dos riscos e benefícios da minha participação, eu concordo em dele participar e para isso eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.

**Endereço do (a) participante-voluntário**

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

**ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina Prédio da Reitoria II (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401. Trindade, Florianópolis-SC. CEP 88.040-400. Telefone: (48) 3721-6094**

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Assinatura do voluntário

---

Tiago Santos Pagnocca (Responsável pelo estudo)

## APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FUNGOS, ALGAS E  
PLANTAS  
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA HUMANA E ETNOBOTÂNICA



### ROTEIRO DE ENTREVISTA



TERREIRO: _____ ENDEREÇO: _____ Nº ENTREVISTA: _____ ENTREVISTADOR: _____ DATA: _____
---

Nome do entrevistado:

\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo M ( ) F ( )

Local de nascimento: \_\_\_\_\_

1) Como a religião chegou à sua vida?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2) A quanto tempo é praticante da religião?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3) Qual o papel / função do Pai ou Mãe-de-santo dentro do terreiro?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4) Dentro do seu terreiro é feito uso de plantas como recurso terapêutico? Quais?

PLANTA	INDICAÇÃO DE USO	CONTEXTO DE USO	PARTE USADA	FORMA DE UTILIZAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	LOCAL DE OBTENÇÃO	COM QUEM APRENDEU
		<input type="checkbox"/> Medicinal <input type="checkbox"/> Místico <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Caulé <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Proteção <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> De vez em quando <input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Quintal <input type="checkbox"/> Mata <input type="checkbox"/> Feira <input type="checkbox"/> Zona urbana <input type="checkbox"/> Vizinho ou amigos <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Livros <input type="checkbox"/> Outro
		<input type="checkbox"/> Medicinal <input type="checkbox"/> Místico <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Caulé <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Proteção <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> De vez em quando <input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Quintal <input type="checkbox"/> Mata <input type="checkbox"/> Feira <input type="checkbox"/> Zona urbana <input type="checkbox"/> Vizinho ou amigos <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Livros <input type="checkbox"/> Outro
		<input type="checkbox"/> Medicinal <input type="checkbox"/> Místico <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Caulé <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Proteção <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> De vez em quando <input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Quintal <input type="checkbox"/> Mata <input type="checkbox"/> Feira <input type="checkbox"/> Zona urbana <input type="checkbox"/> Vizinho ou amigos <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Livros <input type="checkbox"/> Outro

5) Qual a importância das plantas na realização dos trabalhos?

---



---

6) As pessoas que buscam assistência no terreiro recebem algum atendimento / indicação de uso sobre as plantas? Os filhos-de-santo também?

---



---

7) Para você, qual a importância de resgatar e valorizar as práticas terapêuticas dentro do terreiro?

---



---

8) De que maneira o conhecimento sobre as plantas é transmitido?

---



---

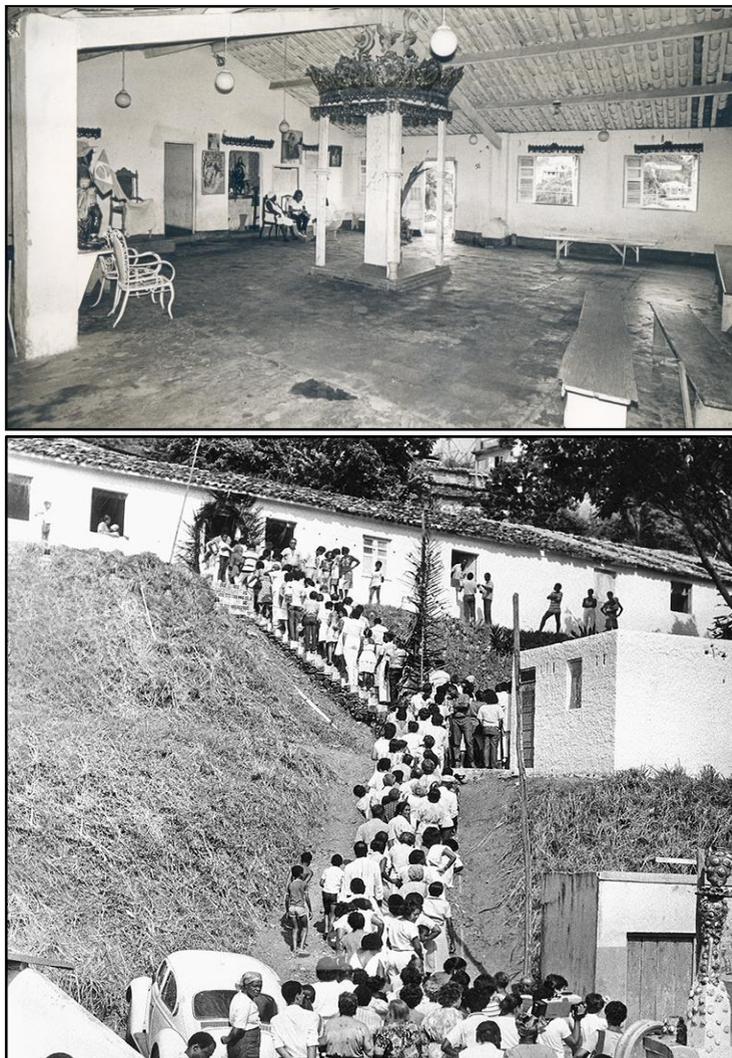
9) A casa realiza algum tipo de atividade (oficina, curso, etc) sobre os usos das plantas para os filhos-de-santo?

---



---

## ANEXO 01



a) Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká conhecido como o primeiro terreiro de Candomblé da Bahia, fundado na década de 1830. Acima o salão principal do terreiro; abaixo fotografia evidenciando a popularidade dos cultos na Casa Branca do Engenho Velho. Fonte: <http://www.candombleumafamiliadeaxe.comunidades.net/o-candomble-no-brasil>



b) Acima, Zélio Fernandino de Moraes juntamente com os médiuns na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Abaixo, Zélio e sua esposa Maria Isabel. Fonte: <https://www.tensp.org/blank/http://ahistoriadaumbanda.blogspot.com.br>.



c) Guilhermina Barcelos, a Mãe Ida, precursora do Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina. Fonte: Uniafro, 2017.



d) Pai Tacques em sessão realizada no Ilê de Xangô. Fonte: página do facebook / Ilê de Xangô.



e) Ambas as fotos são do Terreiro de Umbanda Filhos do Pai Maneco, em diferentes situações ritualistas, evidenciando a presença das plantas nos rituais. Fonte: autor



f) Salão da Tenda Espírita Pai Tomé. Fonte: autor



g) Sessão na Tenda Espírita Iemanjá. Fonte: autor

## ANEXO 02 - Autorização SISBIO



Ministério do Meio Ambiente - MMA  
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

## Comprovante de registro para coleta de material botânico, fúngico e microbiológico

Número: 49909-1	Data da Emissão: 27/06/2015 19:24
-----------------	-----------------------------------

Dados do titular

Nome: Tiago Santos Pagnocca	CPF: 024.490.615-76
-----------------------------	---------------------

## Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	A autorização não eximirá o pesquisador da necessidade de obter outras anuências, como: I) do proprietário, arrendatário, possessor ou morador quando as atividades forem realizadas em área de domínio privado e dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso; II) da comunidade indígena envolvida, ouvido o órgão indigenista oficial, quando as atividades de pesquisa forem executadas em terra indígena; III) do Conselho de Defesa Nacional, quando as atividades de pesquisa forem executadas em áreas indispensáveis à segurança nacional; IV) da autoridade marítima, quando as atividades de pesquisa forem executadas em águas jurisdicionais brasileiras; V) do Departamento Nacional da Produção Mineral, quando a pesquisa visar a exploração de depósitos fossilíferos ou a extração de espécimes fósseis; VI) do órgão gestor da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, dentre outras.
3	O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	É necessário a obtenção de anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como de consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade.
5	Este documento não abrange a coleta de vegetais hidróbios, tendo em vista que o Decreto-Lei nº 221/1967 e o Art. 36 da Lei nº 9.605/1998 estabelecem a necessidade de obtenção de autorização para coleta de vegetais hidróbios para fins científicos.
6	A autorização para envio ao exterior de material biológico não consagrado deverá ser requerida por meio do endereço eletrônico <a href="http://www.ibama.gov.br">www.ibama.gov.br</a> (Serviços on-line - Licença para importação ou exportação de flora e fauna - CITES e não CITES).
7	Este documento não é válido para: a) coleta ou transporte de espécies que constem nas listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção; b) recebimento ou envio de material biológico ao exterior; e c) realização de pesquisa em unidade de conservação federal ou em caverna.
8	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, biosprosperção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em <a href="http://www.mma.gov.br/cgen">www.mma.gov.br/cgen</a> .
9	Este documento não eximirá o pesquisador da necessidade de obter outras anuências, como: I) da comunidade indígena envolvida, ouvido o órgão indigenista oficial, quando as atividades de pesquisa forem executadas em terra indígena; II) do Conselho de Defesa Nacional, quando as atividades de pesquisa forem executadas em áreas indispensáveis à segurança nacional; III) da autoridade marítima, quando as atividades de pesquisa forem executadas em águas jurisdicionais brasileiras; IV) do Departamento Nacional da Produção Mineral, quando a pesquisa visar a exploração de depósitos fossilíferos ou a extração de espécimes fósseis; V) do órgão gestor da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, dentre outras.

## Táxons autorizados

#	Nível taxonômico	Táxon(s)
1	REINO	Plantae

Este documento (Comprovante de registro para coleta de material botânico, fúngico e microbiológico) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet ([www.icmbio.gov.br/sisbio](http://www.icmbio.gov.br/sisbio)).

Código de autenticação: 18825758



Página 1/1

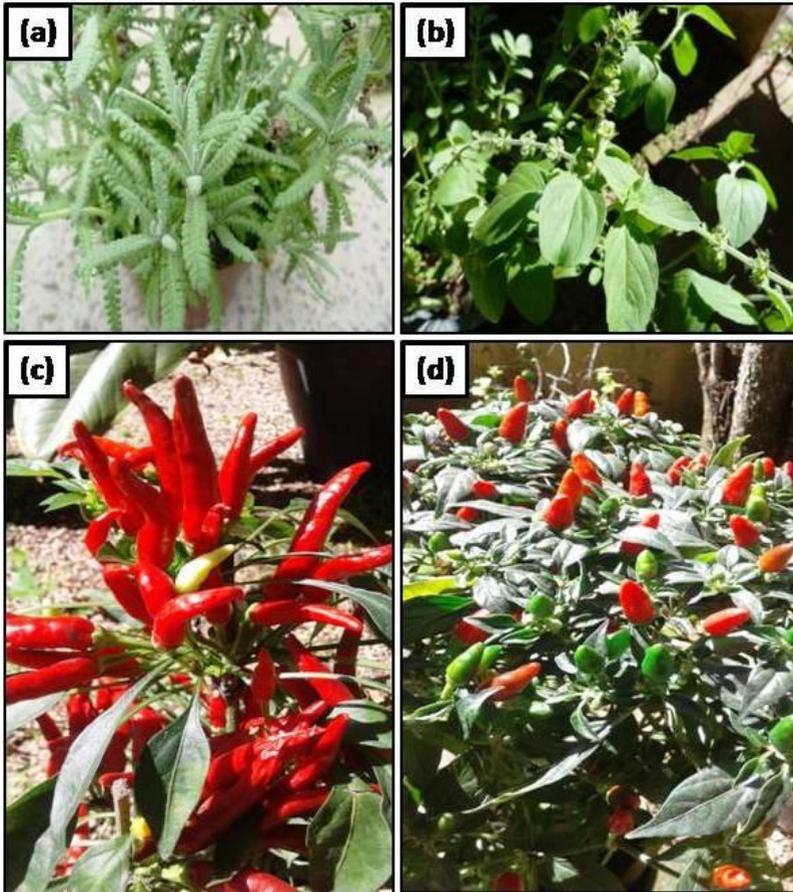
## ANEXO 03

Tabela 02. Espécies vegetais coletadas e seus respectivos números de coleção. FLOR = Herbário FLOR (UFSC); N° coletor = Herbário da Escola Agrotécnica de Manaus; NC = espécies não coletadas. Fonte: autor.

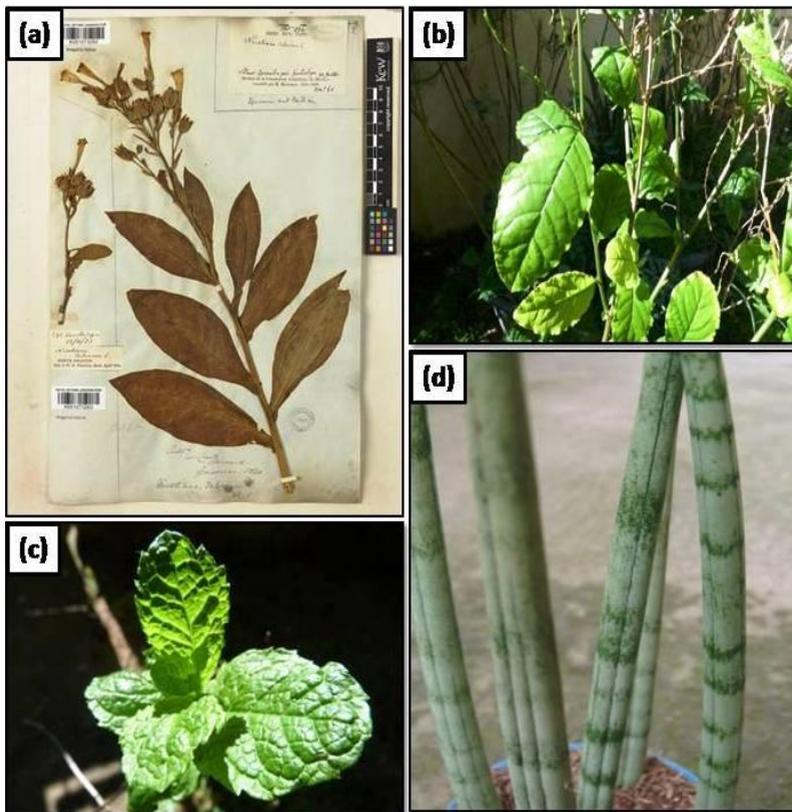
Nome Popular	Nome científico	Nº Coleção / N° Coletor
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	NC
Abre caminho ou quebra-demanda	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	FLOR 60846
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Coletor 13
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Coletor 53
Alevante ou levante	<i>Mentha spicata</i> L.	Coletor 59
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	NC
Amora preta	<i>Morus nigra</i> L.	NC
Anis	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	FLOR 60841
Arnica ou insulina	<i>Sphagnetolca trilobata</i> (L.) Pruski	FLOR 60838
Aroeira vermelha / pimenteira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Coletor 05
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Coletor 11
Árvore-da-felicidade	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H. Bailey	Coletor 55
Babosa	<i>Aloe</i> sp.	NC
Bananeira	<i>Musa seção musa</i>	NC
Boldo de Oxalá	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	FLOR 60855
Boldo chinês	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	Coletor 18
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	NC
Calêndula	<i>Calendula officinalis</i> L.	NC
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	NC
Cana-de-macaco	<i>Dichorisantra thyrsoflora</i> J.C. Mikan	FLOR 60849
Cana-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	FLOR 60857
Canela	<i>Cinnamomum cassia</i> (L.) J.Presl	NC
Capim limão ou capim cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	NC
Catinga de mulata	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Coletor 14
Cipó de São João	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	NC
Citronela	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Coletor 51
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	NC
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	Coletor 25
Comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Coletor 10
Cúrcuma ou açafraão-da-terra	<i>Curcuma longa</i> L.	Coletor 35
Dólar	<i>Plectranthus nummularius</i> Briq.	FLOR 60840
Erva baleeira	<i>Cordia verbenacea</i> DC.	NC
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	NC
Espada de Stª Bárbara ou lansã	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N.E. Br	Coletor 08
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Coletor 06
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. Ex Reissek	Coletor 33
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	NC
Folha-da-fortuna	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	FLOR 60851
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	NC
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	FLOR 60852
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Coletor 39
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Coletor 48
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Coletor 02
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	FLOR 60856
Hortelã	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Coletor 17
Ipê amarelo	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	FLOR 60845
Jaboticaba	<i>Myrcia jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg.	Coletor 49
Laça de Ogum	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	NC
Laranja	<i>Citrus</i> sp.	NC
Lavanda	<i>Lavandula dentata</i> L.	FLOR 60854
Limão	<i>Citrus</i> sp.	NC
Lírio da paz	<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	FLOR 60848
Lírio de Oxum ou lírio do brejo	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Coletor 22
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Coletor 58
Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	NC
Malva cheirosa	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	Coletor 38
Manjericao	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Coletor 12
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	NC
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	NC
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	Coletor 07
Morango	<i>Fragaria</i> sp.	NC

Nome Popular	Nome científico	Nº Coleção / Nº Coletor
Mulungu	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	FLOR 60844
Óriri	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	FLOR 60850
Orégano	<i>Origanum vulgare</i> L.	NC
Orô ou assa-peixe	<i>Vernonia condensata</i> Baker	NC
Orapronobis	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Coletor 40
Pariri ou cipó-cruz	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Coletor 61
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i> L.	FLOR 60842
Penicilina ou terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	FLOR 60847
Peregum	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	NC
Pimenta-malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Coletor 16
Pimenta-dedo-de-moça	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Coletor 15
Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	FLOR 60853
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	NC
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	FLOR 60843
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Coletor 50
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	NC
Rosa amarela	<i>Rosa</i> sp.	NC
Rosa branca	<i>Rosa</i> sp.	NC
Rosa vermelha	<i>Rosa</i> sp.	NC
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	NC
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	NC
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	Coletor 60
Tansagem	<i>Plantago major</i> L.	NC
Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i> L.	NC
Trombeta	<i>Datura suaveolens</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	NC
Não identificadas	Boldo-da-Índia	NC
	Gervão-roxo	NC
	Permanganato	NC
	Erva-de-leão	NC
	Juncá	NC
	Erva-de-formigueiro	NC

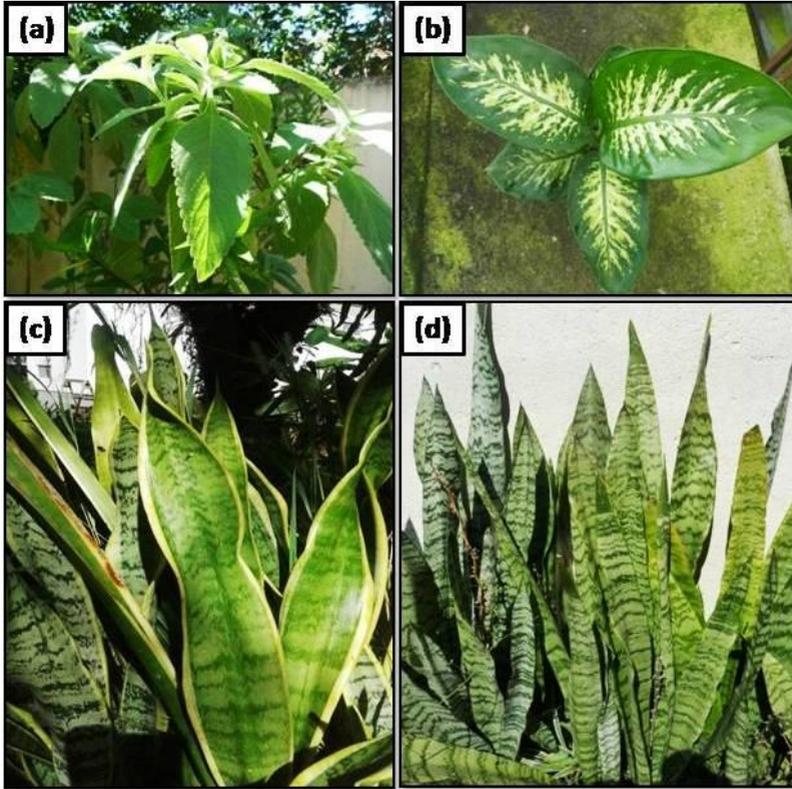
## ANEXO 04



**Fig.** (a) Lavanda (*Lavandula dentata* L.), (b) Manjericão (*Ocimum basilicum* L.), Pimenta dedo-de-moça (*Capsicum baccatum* L.), Pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens* L.). Fonte: autor.



**Fig.** (a) Fumo (*Nicotiana tabacum* L.), (b) Guiné (*Petveria alliaceae* L.), Hortelã (*Mentha x villosa* Huds.), Lança-de-Ogum (*Sansevieria cylindrica* Bojer). Fonte: autor; (a) Herbario virtual REFLORA, 2016.



**Fig.** (a) Boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews), (b) Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena* Bull.), (c) Espada-de-Iansã (*Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (De Wild.) N.E. Br), (d) Espada-de-Ogum (*Sansevieria trifasciata* Prain).  
Fonte: autor.



**Fig.** (a) Abre-caminho (*Justicia gendarussa* L.), (b) Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), (c) Alfazema (*Lavandula angustifolia* Mill.), (d) Arruda (*Ruta graveolens* L.).  
Fonte: autor.

## ANEXO 05

**Tabela 01.** Matriz de presença e ausência de espécies citadas entre os três grupos entrevistados. Em verde as espécies compartilhadas pelos três grupos; em vermelho as espécies compartilhadas por apenas dois grupos; em amarelo as espécies citadas exclusivamente por algum dos grupos. Fonte: autor.

ESPÉCIES BOTÂNICAS CITADAS	ALMAS E ANGOLA	CANDOMBLÉ	UMBANDA
<i>Persea americana</i> Mill.	1	1	1
<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	1	1	1
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	1	1	1
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	1	1	1
<i>Mentha spicata</i> L.	1	1	1
<i>Morus nigra</i> L.	1	1	1
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	1	1	1
<i>Sphagnetica trilobata</i> (L.) Pruski	1	1	1
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	1	1	1
<i>Ruta graveolens</i> L.	1	1	1
<i>Aloe</i> sp.	1	1	1
<i>Musa</i> seção <i>musa</i>	1	1	1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	1	1	1
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	1	1	1
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	1	1	1
<i>Cinnamomum cassia</i> (L.) J.Presl	1	1	1
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	1	1	1
<i>Coriandrum sativum</i> L.	1	1	1
<i>Calendula officinalis</i> L.	1	1	1
<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	1	1	1
<i>Curcuma longa</i> L.	1	1	1
<i>Plectranthus nummularius</i> Briq.	1	1	1
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	1	1	1
<i>Melissa officinalis</i> L.	1	1	1
<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N.E. Br	1	1	1
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	1	1	1
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	1	1	1
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	1	1	1
<i>Psidium guajava</i> L.	1	1	1
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	1	1	1
<i>Petiveria alliacea</i> L.	1	1	1
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	1	1	1
<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg.	1	1	1
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	1	1	1
<i>Lavandula dentata</i> L.	1	1	1
<i>Citrus</i> sp.	1	1	1
<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	1	1	1
<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	1	1	1
<i>Ocimum basilicum</i> L.	1	1	1
<i>Mangifera indica</i> L.	1	1	1
<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	1	1	1
<i>Oriqanum vulgare</i> L.	1	1	1
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	1	1	1
<i>Bauhinia variegata</i> L.	1	1	1
<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	1	1	1
<i>Capsicum frutescens</i> L.	1	1	1
<i>Capsicum baccatum</i> L.	1	1	1
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	1	1	1
<i>Eugenia uniflora</i> L.	1	1	1
<i>Punica granatum</i> L.	1	1	1
<i>Rosa</i> sp.	1	1	1
<i>Rosa</i> sp.	1	1	1
<i>Rosa</i> sp.	1	1	1
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	1	1	1
<i>Salvia officinalis</i> L.	1	1	1
<i>Plantago major</i> L.	1	1	1

<i>Allium sativum</i> L.	1	0	1
<i>Anacardium occidentale</i> L.	1	0	1
<i>Matricaria recutita</i> L.	1	0	1
<i>Dichorisandra thyrsoiflora</i> J.C. Mikan	1	0	1
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	1	0	1
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	1	0	1
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	1	0	1
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. Ex Reissek	1	0	1
<i>Eucalyptus</i> sp.	1	0	1
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	1	0	1
<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	1	0	1
<i>Citrus</i> sp.	1	0	1
<i>Laurus nobilis</i> L.	1	0	1
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	1	0	1
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	1	0	1
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	1	0	1
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	1	0	1
<i>Mentha pulegium</i> L.	1	0	1
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	1	0	1
<i>Thymus vulgaris</i> L.	1	0	1
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	0	1	1
<i>Artemisia absinthium</i> L.	1	0	0
<i>Datura suaveolens</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	1	0	0
<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H. Bailey	0	1	0
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	0	0	1
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	0	0	1
<i>Fragaria</i> sp.	0	0	1
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	0	0	1
<i>Vernonia condensata</i> Baker	0	0	1
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	0	0	1